

BOLONHA
25 ABRIL
ROTA DAS LETRAS EDUARDO LOURENÇO
BOLONHA JOSÉ SARAMAGO

Quem pensa sabe dizer não e essa palavra é uma revolução, mas esse não tem um sentido quando se trata de um não colectivo, de uma vontade colectiva. Não obstante, todos sabemos que o não também se corrompe, se acomoda, e se converte pouco a pouco num sim. Quando isso acontece, não há outro remédio senão voltar a dizer não outra vez. José Saramago

índice

5

LEITURAS DO MÊS

10

ESTANTE DE LIVROS

13

ROTA DAS
LETRAS,

UMA PILHA DE LIVROS
NA SKYLINE DE MACAU

Sara Figueiredo Costa

17

AS PEQUENAS
MEMÓRIAS DA
HISTÓRIA:
OS RAPAZES
DOS TANQUES

Sara Figueiredo Costa

22

25 ABRIL
CÁ DENTRO
E LÁ FORA

32

A HORA DA REVOLUÇÃO:
VINTE ANOS DEPOIS

Eduardo Lourenço

40

GABO

43

25 ABRIL
LIVROS
REVOLUCIONÁRIOS

60

BOLONHA
A TRÊS MÃOS

Andreia Brites

70

LEMBRO-ME

72

NOTAS DE RODAPÉ

75

DICIONÁRIO – LETRA C

76

SARAMAGUIANA:
O SABOR DA PALAVRA
LIBERDADE

José Saramago

96

AGENDA

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO
THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION
CASA DOS BICOS

ONDE ESTAMOS
WHERE TO FIND US
RUA DOS BACALHOEIROS, LISBOA
TEL: (351) 218 802 040
WWW.JOSESARAMAGO.ORG
INFO.PT@JOSESARAMAGO.ORG



Segunda a Sábado
Monday to Saturday
10 às 18 horas
10 am to 6 pm

**COMO CHEGAR
GETTING HERE**
Metro Subway Terreiro do Paço
(Linha azul Blue Line)
Autocarros Buses 25E, 206, 210,
711, 728, 735, 746, 759, 774,
781, 782, 783, 794

ERGUER A VOZ PARA ALÉM DA FICÇÃO

O texto correu pelas redes sociais como se levasse rastilho e não haverá muitos leitores que não tenham, pelo menos, lido um excerto. Ainda assim, é importante registar para memória futura as palavras com que Alexandra Lucas Coelho aceitou o prémio da Associação Portuguesa de Escritores na categoria de «ficção» para o romance *E a Noite Roda*, publicado pela Tinta da China. O *Público* colocou o texto na íntegra na sua edição on-line e é daí que retiramos alguns excertos. De acordo com a autora e com outros presentes na cerimónia, o secretário de Estado da Cultura António Barreto Xavier terá respondido ao discurso lembrando que se a autora pôde dizer o que disse foi graças à democracia, recusando a ideia de o Governo ter incentivado as pessoas a emigrarem e lembrando que o Governo patrocinava este prémio, pelo que a autora teria uma dívida para com ele (sem referir que há uma diferença entre Estado e Governo e que o dinheiro do prémio tem origem em diferentes patrocinadores e em dinheiros públicos que são dos contribuintes, não

propriamente do Governo). «Este prémio é tradicionalmente entregue pelo Presidente da República, cargo agora ocupado por um político, Cavaco Silva, que há 30 anos representa tudo o que associo mais ao salazarismo do que ao 25 de abril, a começar por essa vil tristeza dos obedientes que dentro de si recalcam um império perdido. E fogem ao cara-a-cara, mantêm-se pela calada. Nada estranho, pois, que este Presidente se faça representar na entrega de um prémio literário. Este mundo não é do seu reino. Estamos no mesmo país, mas o meu país não é o seu país. No país que tenho na cabeça não se anda com a cabeça entre as orelhas, “e cá vamos indo, se deus quiser”...»

«Os atuais governantes podem achar que o trabalho deles não é ouvir isto, mas o trabalho deles não é outro senão ouvir isto. Foi para ouvir isto, o que as pessoas têm a dizer, que foram eleitos, embora não por mim. Cargo público não é prémio, é compromisso. Portugal talvez não viva 100 anos, talvez o planeta não viva 100 anos, tudo corre para acabar, sabemos. Mas enquanto isso estamos vivos, não somos sobreviventes.»



ALFARRABISTAS E MEMÓRIA DO QUOTIDIANO

No seu «Sillón de Orellas», espaço do suplemento *Babelia* do diário *El País*, Manuel Rodríguez Rivera equilibra com elegância as anotações sobre o quotidiano mais corriqueiro e as reflexões sobre a alma humana, normalmente a partir da mesma matéria-prima. Num texto publicado recentemente, o cronista questiona o aumento da produção editorial em Espanha nos primeiros meses deste ano e para isso convoca os livros de certo modo esquecidos pelo mercado das novidades, os que se encontram nos alfarrabistas e já não nos escaparates das livrarias: «Pienso, más allá del poema, en las orgullosamente supervivientes librerías de viejo, que ofrecen con obstinación arqueológica, como de otro mundo, lo que ya no se puede encontrar en las nuevas: libros que nadie volverá nunca a publicar, vestigios para siempre

póstumos de la bendita y fecunda era de Gutenberg.» No mesmo texto, há também um capítulo dedicado a Maurice Sendak e outro a um ensaio sobre a presença do macabro na cultura espanhola, temas sem relação aparente mas que Rodríguez Rivero unifica com a mestria dos grandes cronistas do quotidiano.



15 ANOS DE JORNAL, 40 DE REVOLUÇÃO

O *Le Monde Diplomatique* – edição portuguesa tem nas bancas uma edição especial que assinala os 40 anos do 25 de abril, mas igualmente os 15 anos da publicação da versão portuguesa do jornal. No editorial, Serge Halimi saúda a perseverança deste projeto jornalístico que se criou a partir de uma estrutura em cooperativa, refletindo brevemente sobre a importância de uma



imprensa livre num contexto cada vez mais condicionado por grupos económicos e interesses extra-jornalísticos, tema que Ignacio Ramonet também replica no seu artigo. Textos de António Borges Coelho sobre Portugal, um dossier sobre as liberdades constitucionais, herança de abril por onde pairam várias ameaças, análises sobre a situação no Cáucaso, a ascensão da extrema-direita na Europa ou as convulsões sociais na Venezuela, um conto de Isabel Carvalho e um dossier sobre a Europa e o seu projeto integram esta edição especial. Como encarte, uma espécie de ponte entre os cravos de abril, os desafios contemporâneos e a liberdade de imprensa, um poster que intervém sobre o famoso cartaz de Maria Helena Vieira da Silva, «A Poesia Está na Rua.»



Leituras do Mês

OS 50 ANOS DO GOLPE MILITAR NO BRASIL

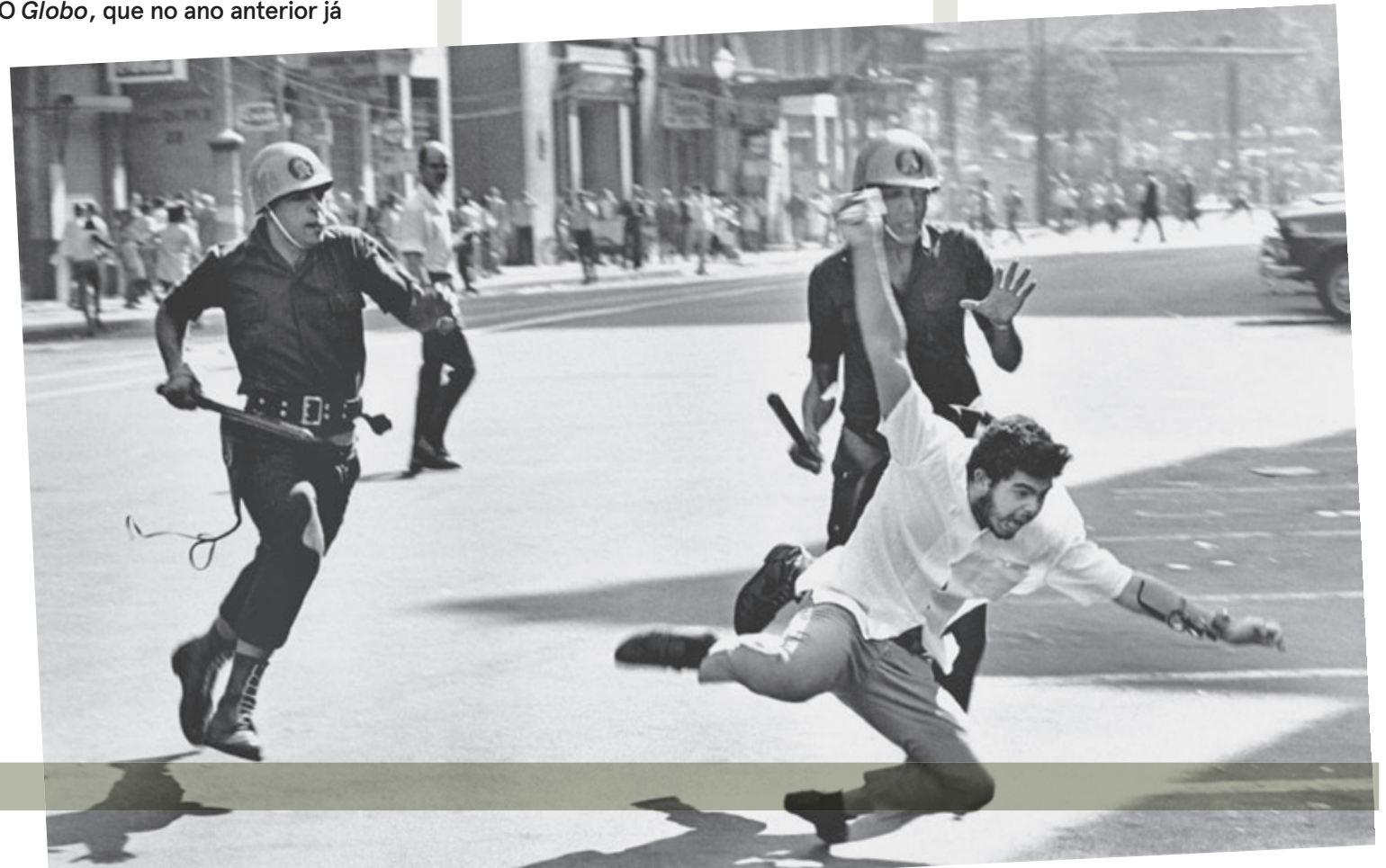
No dia 31 de março de 1964 um golpe militar instaurou uma ditadura que durou 21 anos e deixou um rastro de violações de direitos humanos no Brasil. O aniversário de 50 anos desse traumático momento histórico serviu, como é natural, para que o assunto voltasse a ocupar grande destaque nos meios de comunicação brasileiros. Praticamente todos os principais jornais e revistas produziram materiais especiais sobre o assunto. Pela qualidade e conteúdo, chamam especial atenção a página multimídia feita pela *EBC* e pela *Folha de S. Paulo*. Também merece destaque o espaço virtual criado pelo Instituto Moreira Salles, que aborda a questão desde a arte e a cultura.

O meio século do golpe também serviu para que algumas publicações fizessem um balanço do papel que assumiram naquele período. Em editorial, a *Folha de S. Paulo*, embora tenha pontuado que «nem todas as críticas ao golpe têm fundamento», fez um mea culpa. «Às vezes se cobra, desta

Folha, ter apoiado a ditadura durante a primeira metade de sua vigência, tornando-se um dos veículos mais críticos na metade seguinte. Não há dúvidas de que, aos olhos de hoje, aquele apoio foi um erro. Este jornal deveria ter rechaçado toda a violência [...] É fácil, até pusilânime, porém, condenar agora os responsáveis pelas opções daqueles tempos [...] Agiram como lhes pareceu melhor ou inevitável naquelas circunstâncias» . O *Globo*, que no ano anterior já

havia publicado um editorial em nome de todo o grupo reconhecendo que o apoio à ditadura militar fora um erro, voltou ao assunto. «O traço de tragédia no regime militar foi dado pela violência dos agentes públicos. O fato de que parte da esquerda pegou em armas não justificava que as Forças Armadas atuassem por meio de braços semiclandestinos, e tudo com o conhecimento dos mais altos escalões, inclusive em Brasília»,

anota o periódico no texto titulado «Para nunca mais se repetir». Para o jornal, a democracia brasileira está consolidada e a criação da Comissão da Verdade, que apura os crimes cometidos durante o período da ditadura, a fortalece ainda mais.



DOIS DARÁ

VVAA
ROTA DAS LETRAS/ PRAIA GRANDE
EDIÇÕES

Há um ano, quando se apresentou a segunda edição do Rota das Letras, Festival Literário de Macau, um dos momentos que marcou a sessão de abertura foi o lançamento do livro *Não Há Amor Como o Primeiro*, que reunia os contos e outras colaborações escritas de alguns dos escritores que integraram a primeira edição do festival. Este ano, na abertura do terceiro Rota das Letras, lançou-se o segundo volume desse projeto que consiste em desafiar os escritores que vão passando por Macau a convite do festival a escreverem sobre a cidade. A ficção não é critério, pelo que cada autor pôde escolher o modo como quis expressar-se.

Dois Dará reúne textos assinados por Alexandra Lucas Coelho, Antoine Volodine, Deana Barroqueiro, Han Shaogong, Huang Lihai, Joaquim Magalhães de Castro, Pan Wei, Qiu Huadong, Régis Bonvicino, Rui Zink, Wang Gang e Yi Sha. A estes textos, todos de autores presentes na segunda edição do Rota das Letras

(que decorreu em março de 2013), juntam-se os contos que venceram o Concurso Literário lançado pelo festival, da autoria de Loi Chi Pang, Pedro Amaral, Seung Yeob Lee, Lawrence Lei, Carlos Afonso Portela e Isolda Brasil. O livro, na verdade, são três, um em português, outro em inglês, o terceiro em chinês. A pluralidade de vozes garante registos muito díspares, não só no género do discurso, mas igualmente no tom, no domínio da linguagem, no ritmo. Curiosamente, há uma certa coerência que atravessa o livro, certamente permitida pelas referências mais ou menos constantes e diretas a Macau, mas sobretudo conseguida pelo modo de encarar a cidade, muitas vezes como cenário, outras como tema (caso do conto de Seung Yeob Lee, que reflete sobre as mudanças vertiginosas que Macau tem experimentado), sempre sem ceder ao mero adorno que poderia transformar a cidade numa espécie de bilhete postal pronto a preencher com personagens para compor uma narrativa, ficcional ou não. «Três Patacos», de Rui Zink, um dos textos mais fortes deste volume, desenvolve três curtas narrativas em três vinhetas que, juntas, configuram um universo ricamente povoado de



detalhes que só cabem em tão curta prosa porque cada palavra se perfila no lugar exato de uma pequena constelação, um mapa que é a cidade que não vem nos mapas e que aqui encontra a sua existência. Os poemas de Antoine Volodine ecoam a passagem recente do autor por Macau, mas igualmente as estadas anteriores, misturando nos mesmos versos os vestígios de uma cronologia tão dispersa como a da própria cidade. E nos diários que alguns escritores escolheram como registo, Qiu Huadong e Wang Gang, por exemplo, mesmo quando o ritmo se torna monótono com a descrição dos compromissos, dos horários, dos dias do festival, a prosa acaba por revelar a mesma sobreposição de tempos, a mesma confusão de espaços que parece ser a imagem forte de Macau, revelando-se em quase todos os textos deste *Dois Dará*.

Nem todos os autores presentes no Rota das Letras de há um ano estão presentes neste volume, o que rouba uma parte do valor antológico do livro, mas começa a perfilar-se nestas edições a força de um reflexo tão duradouro quanto possível a contrariar a efemeridade a que os dias de um festival não conseguem fugir. Para o ano, espera-se, haverá terceiro volume.

C E S R E A

UMA REVISTA
TRIMESTRAL DE LITERATURA
EXCLUSIVAMENTE NA
APPLE STORE POR US\$ 1, 99

O SEGUNDO NÚMERO A PARTIR DE 17.02.14



AURORA BERNÁRDEZ E CARLES ÁLVAREZ GARRIGA (ED.)

CORTÁZAR DE LA A LA Z

ALFAGUARA

No ano em que se assinala o centenário do nascimento de Julio Cortázar, a Alfaguara dedica-lhe um álbum onde se arrumam um dicionário biográfico, a fotobiografia comentada, reproduções das primeiras edições dos seus livros, textos dispersos em revistas e jornais, reproduções de manuscritos e dactiloscritos, papéis soltos e raros e alguns textos em formato de antologia mínima. Para os leitores devotos de Cortázar e para os que ainda não o descobriram, uma porta de entrada privilegiada ou um modo de deambular como um cronópio.



JON KLASSEN

QUERO O MEU CHAPÉU

ORFEU NEGRO

O nome do americano Jon Klassen ganhou maior notoriedade quando venceu a Caldecott Medal com o livro *This Is Not My Hat*. Ainda, para o leitor perceber o alcance deste divertido álbum, é aconselhável que leia primeiro *Quero o meu Chapéu*, que a Orfeu Negro acaba de publicar. Sarcástico e subtil no humor, aposta num ritmo repetitivo para provocar juízos de valor duvidosos acerca de um urso, aparentemente cheio de razão, que parte em busca do seu chapéu, eventualmente roubado. Pela sequência, teremos de esperar até 2015, garante a Orfeu Negro.

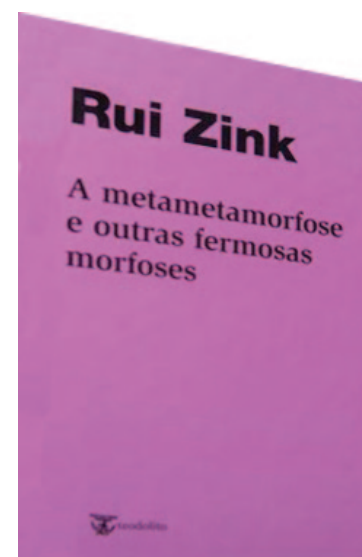


JAMIL CHADE

A COPA COMO ELA É

COMPANHIA DAS LETRAS

Reportagem em formato e-book que investiga os negócios e os acordos que estiveram na origem da escolha do Brasil para país organizador do próximo Campeonato Mundial de Futebol da FIFA, que decorrerá este ano. Jamil Chade segue o rasto do dinheiro envolvido neste processo, tornando claros os negócios escondidos que permitiram o enriquecimento de algumas pessoas sem nunca cumprirem os benefícios sociais e económicos prometidos para as populações envolvidas na Copa.



RUI ZINK

A METAMORFOSE E OUTRAS FERMOAS MORFOSES

TEODOLITO

Sete contos de Rui Zink arrumados num volume cujo título não disfarça, e até invoca, os ecos kafkianos. Da homenagem ao livro mítico do autor de Praga às referências ao universo onírico, os contos aqui reunidos têm como uma das linhas comuns a relação entre a literatura e o teatro, quer como encenação de um texto num palco (e alguns destes textos têm aí a sua origem) quer como leitura disponível para a fruição individual.



ÉDOUARD MANCEAU
ONDE ESTÁS?
EDICARE

Um livro jogo em que nas páginas da direita as figuras se transformam noutras, pelo simples gesto de alterar a posição das formas. Nas da esquerda, um texto rimado, ora enigmático ora narrativo, que antecipa o movimento da imagem operado pelas mãos do leitor. O livro pode assim ser explorado com recurso a estímulos visuais e textuais que apostam, ambos, no indício. A paleta de cores está reduzida a pouco mais do que as primárias, que se querem vivas, a condizer com as formas curvas e a expressividade das figuras.



JOAQUIM VIEIRA E RETO MONICO
NAS BOCAS DO MUNDO.
O 25 DE ABRIL NA IMPRENSA INTERNACIONAL
TINTA DA CHINA

Um álbum que reúne recortes, páginas e capas de jornais e revistas publicados em vinte países durante o período entre o 25 de abril de 1974 e o 25 de novembro de 1975. No ano em que se celebram quatro décadas sobre a revolução que trouxe a democracia ao século XX português, o olhar da imprensa estrangeira da época é um contributo precioso para se perceber o modo como o 25 de abril foi visto e entendido para lá das fronteiras.



VVAA
ZONA DE DESCONFORTO
CHILI COM CARNE

O mais recente livro da coleção de viagens da Chili Com Carne, LowCCCost, reúne trabalhos de dez autores de banda desenhada sobre as suas experiências como estudantes ou trabalhadores fora de Portugal. Os motivos para a saída do país são vários, e nem todos obedecem às sugestões forçadas do atual Governo português. O resultado é um conjunto de visões onde se cruzam o registo autobiográfico e a reflexão sobre o espaço e o modo como o habitamos enquanto comunidade.



ÁLVARO MAGALHÃES,
CARLOS J. CAMPOS
MEXE ESSE RABO GORDO, PÁ!
PORTO EDITORA

Álvaro Magalhães continua na senda dos mistérios protagonizados por animais. Depois de Lucas Scarpone, é a vez de dois amigos com nomes artísticos, o gato Picasso e o cão Van Gogh, serem desafiados pelo destino. O tom, reconhece-se, é leve, prestando-se ao cómico de situação e de linguagem num sentido quase literal. Todavia, como é apanágio deste escritor, há sempre segundas leituras, um piscar de olho a uma ou outra referência e valores morais. Uma fórmula, quando é boa, não deixa de ser uma fórmula. Mas também não deixa de ser boa.

GRANTA

PORTUGAL | 3

DIRECÇÃO DE CARLOS VAZ MARQUES

+ 25% DESCONTO
DE
2 ANOS DE ASSINATURA

REVISTA SEMESTRAL [MAIO | NOVEMBRO]

WWW.TINTADACHINA.PT/GRANTA/

PORTUGAL € 54
EUROPA € 74
RESTO DO MUNDO € 86



OFERTA
NA ASSINATURA ATÉ AO FIM DE ABRIL

Underground
O atentado de Tóquio e a mentalidade japonesa

PVP €22,30 | 464 páginas

Portugal €49.50 | Europa €69.50 | resto do mundo €81.50



oferta limitada ao
stock existente

ROTA DAS LETRAS: UMA PILHA DE LIVROS NA SKYLINE DE MACAU

SARA FIGUEIREDO COSTA



A terceira edição do Rota das Letras, festival literário de Macau, voltou a preencher a cidade chinesa com debates, exposições, concertos e, sobretudo, livros. Autores chineses, portugueses, cubanos, brasileiros e moçambicanos juntaram-se a ilustradores, músicos e jornalistas, compondo um painel que atravessou Macau em várias línguas cumprindo a missão de estabelecer pontes, enfrentar medos, perguntar, descobrir, voltar a aprender.

As imagens de André Carrilho e as de Thomas Boswell Watson, com mais de um século a separá-las, dialogaram sobre a paisagem e os modos de a captar. As caminhadas acumuladas por Jason Wordie pelas ruas de Macau mostraram-se em livro (*Macao – People and Places, Past and Present*) e revelaram histórias e pequenos pormenores quase esquecidos que muitos habitantes da cidade desconheciam. A poesia feita música de Arnaldo Antunes antecipou com esmero a entrega a solo de Cat Power a um auditório que não se fez rogado em aplausos, de tal modo que a cantora acabou por ser retirada do palco por uma funcionária do Cotai Arena que não percebeu que ali podíamos ter ficado pela noite dentro sem que as canções se fartssem.

Entre o muito que aconteceu durante os dez dias do Rota das Letras, a presença dos escritores chineses foi, este ano, um dos pontos altos do festival. O facto de parte considerável dos debates ter acontecido no centro da cidade, no belíssimo Teatro Dom Pedro V, por vezes em sessões contínuas e sempre com um bom serviço de tradução simultânea, garantiu o interesse do público de um modo que há um ano ainda não estava garantido. O Rota das Letras alcançou, assim, aquele que é um dos seus objetivos programáticos, talvez o principal: levar a Macau escritores de diferentes origens e expressões, sem primazias para uma ou outra língua e com os destaques a serem decididos pelo público que frequenta as sessões. Permitir que entre esses escritores haja uma mão cheia de autores chineses, muitas vezes desconhecidos fora da China mas sempre escolhidos de modo criterioso, é um dos grandes atrativos do festival. Por um lado, dá a conhecer uma parte da imensa produção literária chinesa contemporânea, que tendemos a arrumar levianamente em meia dúzia de nomes que vão sendo divulgados sobretudo na imprensa em inglês, por outro, oferece um espaço público e com capacidade para ecoar noutras latitudes onde muitos desses autores falam livremente sobre temas que não seriam abordados em palcos da China continental.

Numa conversa sobre «escrita feminina», aquele tema que pode ser tudo e nada e tanto pode discutir literatura como partilha das tarefas domésticas, Sheng Keyi e Cham Im Va, moderadas por Agnes Lam, falaram sobre os seus livros, mas falaram igual-

mente sobre direitos humanos, respeito pelas minorias e o massacre de Tiananmen. Em boa verdade, o tema da homossexualidade, presente num dos livros de Cham Im Va, e o de Tiananmen foram o centro de uma conversa que a moderadora tentou manter na «escrita feminina» mas que as autoras preferiram puxar para direcções mais interessantes, revelando que o serem mulheres não interfere com aquilo que escrevem, o que não faz com que não tenham coisas para dizer.



facto de Macau ser uma região administrativa especial assegura que momentos como este, impensáveis ali a poucos quilómetros, para lá das Portas do Cerco, podem decorrer sem mais incómodos do que uma ou outra fisionomia dando sinais de desagrado. Neste caso, o incómodo

chegou-me através da tradução, quando a voluntária que procurava assegurar, com pouco sucesso, que eu percebia o que se passava em cima do palco se manteve calada por longos minutos, até perceber que eu já estranhava o seu silêncio enquanto Sheng Keyi continuava a falar. Acabou por dizer-me, literalmente, o seguinte (em inglês, língua para a qual traduzia): «acho que ela está a fa-

lar daquelas coisas que aconteceram há uns anos naquela praça». Isto seria um episódio anedótico se não assumisse tamanho significado, pelo que vale a pena explicar que a tradutora não era uma das tradutoras do festival, que fizeram um trabalho excelente ao longo dos dias da programação, mas uma voluntária que trabalhava no teatro e que se ofereceu, muito simpaticamente, para traduzir a sessão para as pessoas que estavam na mesma fila que eu (a maioria da assistência percebia mandarim, pelo que se optou por espalhar os tradutores disponíveis pelas alas onde estava o público de língua portuguesa ou inglesa). A situação foi ainda mais constrangedora pela simpatia dessa voluntária e pelo enorme esforço que fez para assegurar um trabalho que não era, notoriamente, o seu, apenas porque percebeu que havia algumas pessoas que não estavam suficientemente perto dos tradutores e que talvez por isso não conseguissem acompanhar a sessão. Reconhecida a simpatia e o voluntarismo, não deixou de ser muito estranho perceber que uma jovem universitária, vivendo numa região da China onde a censura não chega (pelo menos não do mesmo modo), tivesse apagado Tiananmen daquela tarde de conversa. Ter-lhe-ia perguntado porquê se não tivesse ficado tão desarmada perante o momento, tendo demorado alguns minutos a perceber que o problema não decorria da hipótese de eu ter percebido mal.



Sheng Keyi, autora de *Northern Girls*, é uma escritora com enorme reconhecimento junto do público leitor da China. Finalista do Man Asian Literary Prize em 2012, *Northern Girls* reflete o êxodo em direção às cidades, a procura de uma identidade que não se anule entre a comunidade de origem e os preceitos que importa

cumprir, a luta por encontrar um lugar familiar entre milhões de rostos com o mesmo destino. A abordagem que Sheng Keyi faz de temas que refletem a China contemporânea destaca-a por entre a vaga de escritores ainda muito agarrados a uma certa ideia de ruralidade, onde as narrativas decorrem do ambiente e não arriscam demasiado, mas é a clara vontade de experimentar, de explorar modos de trabalhar a linguagem, de não fugir aos temas que são os do seu quotidiano que faz de Keyi uma escritora a ter em conta. Quem a viu no palco do Dom Pedro V, falando do trabalho da escrita sem floreios barrocos e nunca desligando esse trabalho da atenção às muitas realidades do país onde nasceu e vive, percebeu que valerá a pena esperar pelo próximo livro.

O recital de poesia *A Rosa do Tempo*, que encheu a sala da Biblioteca de Sir Robert Ho Tung, perto do Teatro Dom Pedro V, confirmou que a língua nem sempre é uma barreira. Ouvir um enorme poeta como Bei Dao ler os seus poemas em mandarim é

ouvir uma sucessão de sons que não têm como produzir sentido na cabeça de quem não conhece a língua, mas é igualmente reconhecer a cadência, o ritmo e a melodia que asseguram que o que se ouve só podia ser poesia. Para além de Bei Dao, Hu Xudong, Yu Kwang-Chung, António Graça de Abreu, Huang Lin, Tao Kongliao e Fernanda Dias foram alguns dos poetas que participaram no recital, alternando o mandarim, o cantonês e o português num fim de tarde onde as diferenças linguísticas e a sempre gigante barreira do sentido e da compreensão ruíram um bocadinho. Talvez por isso a sala estivesse tão cheia que foi preciso ficar à porta, ouvindo ao longe o que se lia no palco improvisado.

Os discursos bem intencionados – mas quase sempre vazios por não corresponderem a uma prática – que falam de Macau como um ponto de contacto entre gente de diferentes origens e culturas encontram no Rota das Letras uma concretização, tanto mais espantosa quanto a sua matéria são os livros e a literatura e não o jogo ou os casinos, empresas omnipresentes que parecem decidir os rumos da cidade. Agora que parece ter encontrado o ritmo certo e sem tropeções, talvez o festival literário de Macau consiga firmar na skyline cultural da cidade uma outra silhueta, com livros em vez de guindastes, com gente que para e conversa sem pressa nem agenda.



AS PEQUENAS MEMÓRIAS DA HISTÓRIA

OS RAPAZES DOS TANQUES

SARA FIGUEIREDO COSTA

Os rapazes dos tanques

Foi há 40 anos que um grupo de militares deu corpo e expressão à vontade de muitos, avançando decidido pelas ruas em direção a um regime que apodrecia, mas que teimava em não sucumbir. Dos dias que fizeram abril e dos que lhe sucederam, entre o verão Quente do PREC e o ponto final do 25 de novembro, muita documentação, registos e outros elementos ainda por iluminar já resultaram em livros e artigos imprescindíveis para se traçar a história do 25 de abril de 1974. O livro que agora se publica na Porto Editora, *Os Rapazes dos Tanques*, de Alfredo Cunha e Adelino Gomes, poderá juntar-se a essa longa lista bibliográfica, porque também ele é um volume que importa conhecer para perceber o momento em que o país saiu da ditadura para a democracia. Apesar disso, a sua respiração é de outra ordem, mais próxima do gesto de resgatar pequenas memórias que não foram cristalizadas em livros de história do que da síntese ou da conclusão, mais dedicada a olhar atentamente alguns episódios que se teriam perdido no conjunto do que a definir os limites e a forma desse mesmo conjunto. Pautando essa respiração está a postura de um grande repórter,





Os rapazes dos tanques

querendo saber com precisão e rigor aquilo de que apenas se ouvia falar, e o olhar de um fotógrafo a cujas lentes devemos uma parte tão importante (e tão bela) da nossa memória coletiva.

Diz Adelino Gomes nas páginas iniciais desta obra, centrando o seu objetivo e o modo como se construiu: «Desiluda-se, assim, quem espere encontrar nestas páginas uma versão sustentada e definitiva do que se passou. Este não é um livro de História. O que temos para oferecer são fragmentos de uma revolução, na memória de quem a ajudou a arrancar no terreno. A verdade que cada um guarda em si do que fez e viu, a que somámos a forma como, passadas quatro décadas, avalia o resultado da mudança histórica em que se envolveu, ou se viu envolvido, naquele dia.» (p.6)

A história de *Os Rapazes dos Tanques* são muitas histórias, começando pela do cabo José Alves Costa, que se recusou a abrir fogo contra a coluna de Salgueiro Maia e cuja identidade se manteve por descobrir até este livro, e passando pelas dos

muitos oficiais, cabos, furriéis e outros militares que estiveram no palco central do que seria a Revolução dos Cravos, entre o Terreiro do Paço e os muitos caminhos que se abriram em Lisboa nesse dia. Mas este livro conta ainda uma outra história, nunca assumindo esse propósito.



Os rapazes dos tanques

Entre os muitos milhares de protagonistas da Revolução dos Cravos, gente que registou o seu nome ou a sua imagem na matéria que a História recordará e gente cuja identidade nunca se conhecerá (assim como não se conhecerão os seus feitos, grandes ou pequenos, nesses tempos em que tudo parecia possível), duas pessoas foram também protagonistas do tempo. Adelino Gomes, repórter proibido de trabalhar na Rádio Renascença graças aos desmandos do regime, Alfredo Cunha, fotógrafo a trabalhar no jornal *O Século*, estavam ambos nas ruas de Lisboa durante aquelas horas e dias que mudaram o país, ainda que nessa altura não se conhecessem e não pudessem imaginar que trabalhariam juntos no futuro, mais do que uma vez. O facto de terem falado com gente, registado momentos, acumulado dados sobre os quais trabalharam depois foi um contributo inestimável para a memória coletiva que continuamos, hoje, a construir sobre esse momento essencial do século XX. *Os Rapazes dos Tanques* parte da recusa de um cabo em obedecer ao seu superior, mas o gesto que o constrói é também a história de dois repórteres nada acidentais, dois homens que intuíram que o único lugar onde poderiam estar naqueles dias era a rua. De um certo modo, também a eles é devido um agradecimento coletivo.

FOTOGRAFIAS DE ALFREDO CUNHA



An abstract graphic design featuring large, overlapping organic shapes in shades of green and orange against a black background. The green shape on the left contains the text 'cá dentro', and the orange shape on the right contains 'e lá fora'. At the bottom right, the word 'abril' is partially visible in a green, lowercase, sans-serif font.

cá dentro

e lá fora

abril

Camané

*A imagem primeira que
recordo do 25 de Abril
é o sorriso que vi na
cara dos meus pais.*

Fadista, Portugal



Carmen Castillo

*O espírito da
Revolução dos Cravos
continua vivo em cada
um de nós, chilenos da
resistência. “O passado
não passa”, disse José
Saramago, talvez por
isso possamos viver
com tanta intensidade
o presente sendo fieis
a nossos encontros
amorosos, políticos
e históricos. Manter
o espírito do 25 de
Abril português é, pelo
menos, economizar a
vergonha de não ter
tentado que isso, o
mundo, seja mais justo
e humano.*

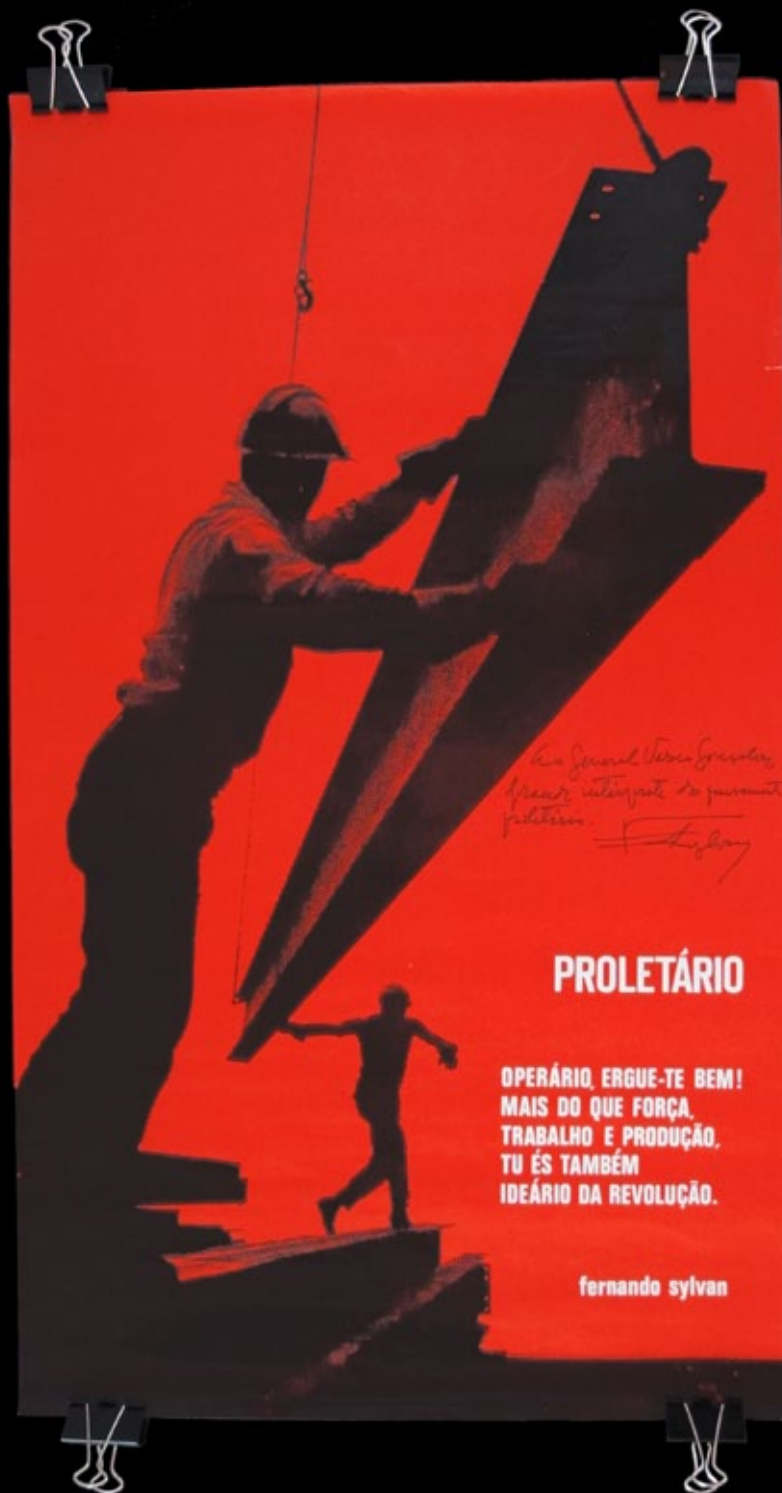
Realizadora, França/Chile

25

Chico Buarque

Tive o privilégio de descer numa Lisboa em festa poucos dias depois do 25 de abril de 1974. Para os brasileiros que então viviam os piores anos de uma ditadura, a Revolução dos Cravos trouxe um alento inesquecível. Parabéns, Portugal. Obrigado, sempre.

Compositor, Brasil



Daniel Mordzinski

Eu venho da Argentina. Quando lá é verão, na Europa é inverno... mas desde aquele 25 de abril para nós, os cidadãos do mundo, sempre é Primavera.
Fotógrafo, Argentina

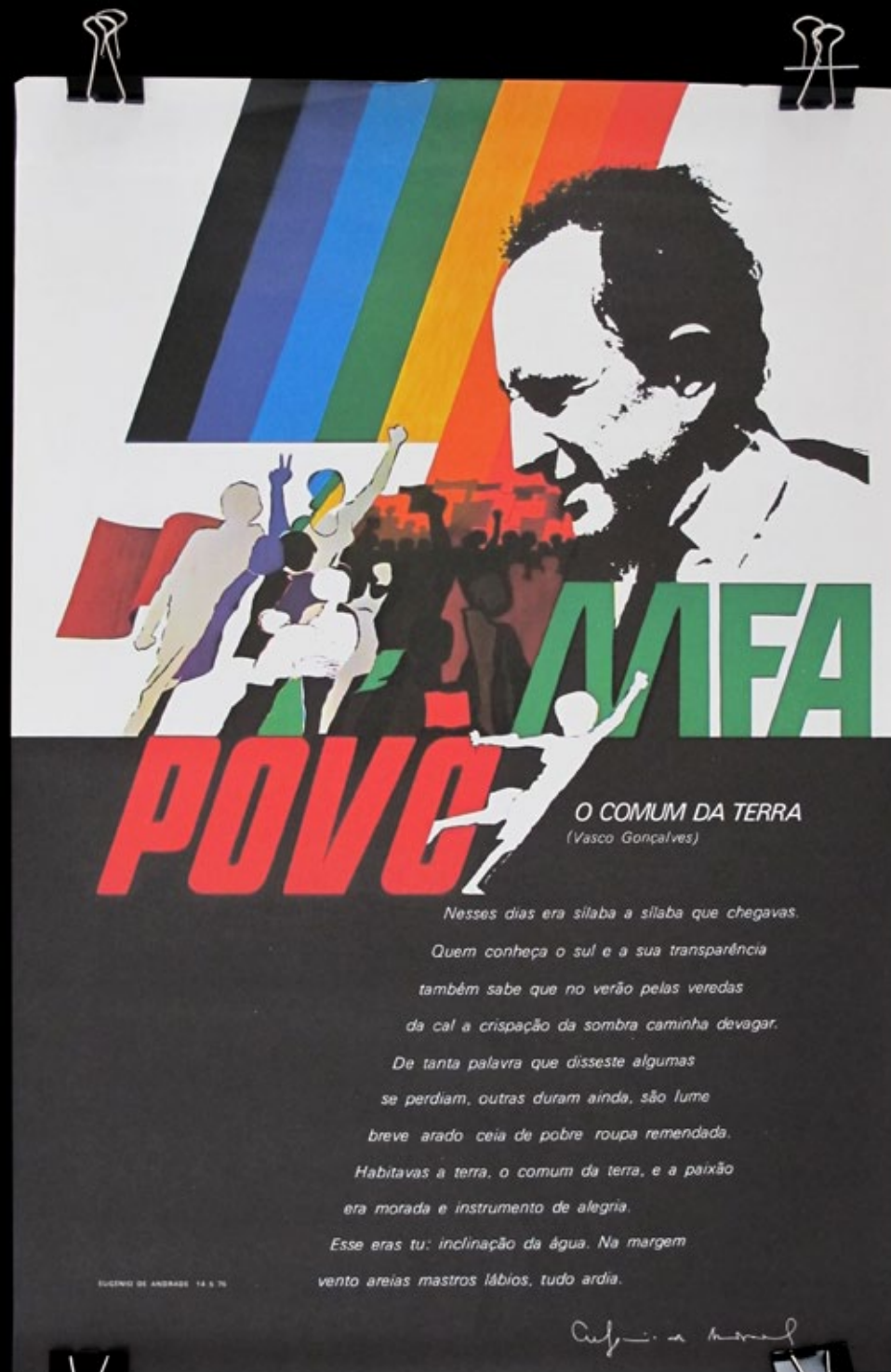
Dulce Maria Cardoso

E 40 anos depois da madrugada que eu esperava do dia inicial inteiro e limpo onde emergimos da noite e do silêncio e livres habitamos a substância do tempo aqui estou.

Desistimos depressa demais do que queremos. Substituímos o que queremos pelo que nos oferecem. Contentamo-nos com pouco. Dão-nos quase nada.

Basta.

Escritora, Portugal



Eric Nepomuceno

Em abril de 1974 eu tinha 25 anos e vivia em Buenos Aires. Lá, soube da Revolução dos Cravos. Parecia inacreditável. Para mim, tudo foi pura emoção – por Portugal – e esperança. Se tinha acontecido lá, me veio a reforçada certeza de que um dia aconteceria em meu país, que vivia uma ditadura cruel. Bem menos longa que a de Portugal, mas cruel. E me deu uma saudade dolorida, sei lá por quê, do café da casa de minha avó Laura. Assim a gente é, quando tem 25 anos e está longe e se acha sem volta. A Revolução dos Cravos mostrou que sempre haverá uma volta.

Jornalista e escritor, Brasil

Frei Betto

Nascido em Minas Gerais, onde ocorreu, no século XVIII, a primeira rebelião contra o domínio português, liderada por Tiradentes, comemorei com alegria a Revolução dos Cravos.

Lamentei apenas que Salazar não estivesse vivo para provar o gosto amargo de sua derrota. O 25 de abril não apenas libertou Portugal da tirania salazarista, como também propiciou a independência de tantas colônias portuguesas na África. Resta agora Portugal se liberar do neoliberalismo que o submete aos ditames do FMI e do Banco Mundial.

Escritor e religioso dominicano
Brasil



Héctor Abad

Em Portugal, abril não é o mês mais cruel. Não há revolução menos sangrenta do que aquela em que os canhões dos fuzis estão tapados com flores. Os cravos vermelhos não são metáfora do sangue que emana do peito, senão flores para receber os que saem das prisões ou voltam do exílio para construir a democracia portuguesa.

Escritor, Colômbia

José Rui Martins

HOUVE UM DIA EM QUE OS RÁDIOS TINHAM IMAGENS

Um rapaz de 15 anos numa vila do interior — Tondela ainda não era cidade. Despolitizado.

25 de Abril de 1974. O rapaz chega pelas nove horas da manhã ao colégio. Rádios circulam pelos cantos dos corredores e comenta-se sussurradamente que caiu o governo. O rapaz pensa: mas os governos caem? Na sala de aula, nunca nenhum governante, ladeando o crucifixo, tinha caído da moldura. O rapaz, durante toda a sua vida, cantava o hino nacional e outras músicas para aquele governo que estava pendurado nas paredes: “Somos pequenos lusitos | Mas já firmes e leais | Amamos e respeitamos | Nossos chefes, nossos pais [...] | E se algum dia preciso for | Ir combater pela Nação | Iremos com a Fé em Deus | E a Pátria no coração!”.

O rapaz ouve na rádio palavras a que nunca tinha escutado e perguntava: soldados com cravos nas espingardas? Fim da guerra? Liberdade? O povo é quem mais ordena? O rapaz, ao longo desse dia, viu imagens que saíam do rádio.

Desde esse dia, o rapaz que sou ainda eu, não consegue viver sem tudo que aprendeu e viveu desde aquela dia em que os rádios tinham imagens que nenhuma televisão ou filme tem o condão de mostrar de forma tão nítida e emocionantemente libertadoras.

Fundador do Trigo Limpo teatro ACERT, Portugal



25

Luiz Ruffato

O 25 de Abril pôs fim a um dos regimes mais anacrônicos do mundo: Portugal era então um claustro, alicerçado na ignorância, na repressão, na miséria. O povo nas ruas corrigiu a rota desta nau, colorindo suas velas com as cores da utopia.

Escritor, Brasil



25

Mempo Giardinelli

Quando houve a Revolução dos Cravos também toda a Argentina pareceu que tremia. E eu chorei de emoção. A esperança tinha o rosto de milhões de homens e mulheres portugueses.

Escritor, Argentina

Maria de Medeiros

Nesse dia, os Portugueses ergueram para o mundo a voz da liberdade e da paz.

Atriz e realizadora, Portugal



Michael Kegler

O 25 de Abril é um sonho: soldados virando-se contra os senhores (como na famosa Resolução da Comuna de Brecht); um povo alegremente desobedecendo às ordens; música e poesia afastando e arrasando os podres poderes. Foi o exemplo que Portugal deu ao mundo. Um momento de liberdade – incontornável apesar de tudo.

Tradutor, Alemanha

Nélida Piñon

A Revolução dos Cravos, que eclodiu em 25 de abril de 1974, foi um devaneio heroico dos portugueses que contagiou o mundo. Um movimento advindo do coração sofrido de um povo que merecia resgatar valores e conceitos democráticos. Como seguir vivendo sob a tutela de um horror que se perpetuou a partir de 1933?

Os Cravos ganharam a simbologia que uma nação lhe emprestava e a que cada qual, no seu anseio libertário, ia atribuindo novos significados. Afinal havia que se situar generosamente no sistema das nações que aliciava mudanças, cobrava grandeza de um povo que fora magnífico em seu percurso marítimo, em sua arte, na sua coragem de cruzar o Atlântico para ser, por exemplo, um imigrante no Brasil. Um

povo que desbravou caminhos e imaginação .

Estive em Lisboa após a Revolução. Por onde ia, ouvia brados, canções, colhia sorrisos. Agia como se eu fora portuguesa, ao menos por espírito e pelo amor à língua. E, ao lado dos vizinhos, ria sem motivo aparente. A Revolução, solta no ar, desabrida, motivava pulsações, desvarios, as provas essenciais da paixão que nos invadia. Dava-nos alento para a esperança prosperar. Assim, para consagrar a atmosfera benfazeja, eu me entretinha nos arredores do Rossio comendo os bolinhos de bacalhau cujo cheiro emanava tradição. Foi quando cogitei que a modéstia do meu alimento equivalia à monumentalidade que se irradiava da poesia de Camões. Uma vez que convinha conjugar o cotidiano com os ideais

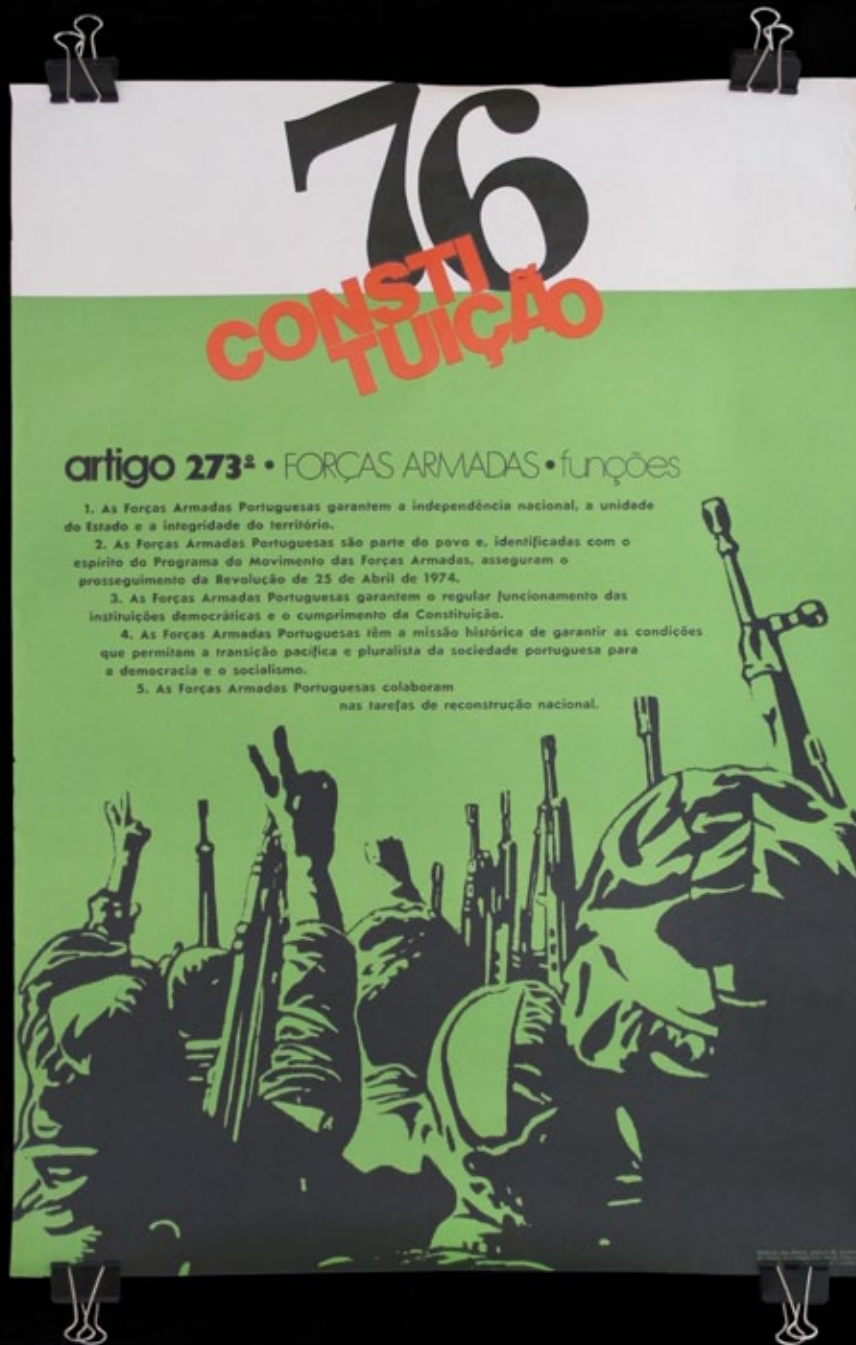
revolucionários, dar combate ao taciturno com surtos de alegria. Anos depois, porém, a realidade se indispôs com o povo, contrariou o sonho advindo da Revolução dos Cravos. Para qualquer análise, basta recorrer à História, cujo testemunho é impiedoso. Sem hesitar aponta desmandos, desfaz os efeitos da receita democrática que se pensou outrora bem sucedida. Hoje, o português se frustra, padece, transfere para o futuro mínima dose de fé. Contudo, sobrou na nossa memória uma réstia de luz do significado moral desta Revolução dos Cravos que agora honramos. Esta memória ainda nos salva. Além de nos consolar saber que os homens nunca estão à altura dos sonhos que sonharam em algum momento mágico.

Escritora, Brasil

Pilar del Río

Não sabia, como podia sabê-lo, que militares na rua podiam ser boa notícia, por isso demorou a perceber o significado e a dimensão do 25 de abril. Pouco a pouco foram tomando corpo as notícias fragmentadas que escapavam do relato imposto pela censura espanhola e assim as pessoas na rua, os políticos da ditadura abandonando o barco, os cravos nas metralhadoras e a alegria converteram-se na evidência de que começava outra época que era a da liberdade. Então, em Espanha, olhámos com inveja para o monóculo de Spínola. Mais tarde foram os cartazes, os comícios, os partidos, as montras das livrarias... Acabara o tempo do silêncio em parte da Península Ibérica e pela primeira vez muitos do outro lado da fronteira quisemos ser portugueses.

Jornalista e tradutora, Espanha



Zuenir Ventura

A cobertura da Revolução dos Cravos foi para mim uma das mais alegres e surpreendentes experiências profissionais. O movimento dos capitães mostrou ao mundo que era possível fazer revolução sem derramamento de sangue.

Jornalista e escritor, Brasil

A Coleção Vasco Gonçalves, que integra a sua biblioteca pessoal e documentação, encontra-se, por decisão da sua família, em depósito na Fundação José Saramago.

A HORA DA REVOLUÇÃO: VINTE ANOS DEPOIS

EDUARDO LOURENÇO

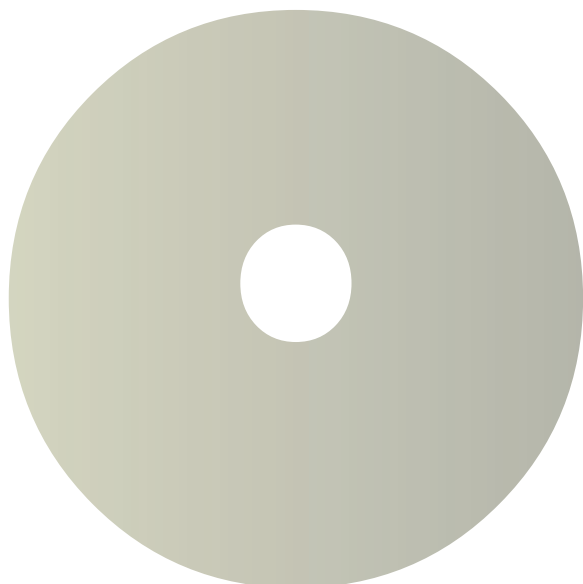
Toda a história do mundo muitas vezes não me parece mais que um livro de imagens que reflete o desejo mais violento e mais cego dos homens: o desejo de esquecer.

Hermann Hesse, *Viagem ao Oriente*

As regressões são a fatalidade mais suave da liberdade.

A. Bessa Luís, *As pessoas felizes*

A hora da revolução: vinte anos depois



verdadeiro esquecimento não pode ser evocado; é memória – pessoal ou coletiva – colapsada sobre si mesma, como se diz das estrelas que se afundam e são aprisionadas pelos misteriosos buracos negros. A recordação da Revolução dos Cravos não se converteu nesta espécie de não acontecimento sem nome que não se deixa invocar. Pelo menos até ao presente. Mas, vinte anos depois, a nossa memória transfigurou-o e talvez o tenha mudado aos olhos de alguns ao ponto de o tornar irreconhecível. Por isso, convém, e é até urgente, voltar a este momento de rutura que instaurou a democracia entre nós e criou um campo de possibilidades em todos os domínios, desde o da economia ao da cultura, do qual somos todos devedores.

Voltar ao 25 de abril, vinte anos depois, é refazer um pouco esta aventura mágica que evoca o célebre título de Marcel Proust, a primeira e sempre maravilhosa «busca» de um tempo perdido e reencontrado sob a forma da epopeia e da nostalgia. Viver duas vezes em vez de uma.

O que fica dos nossos amores, das nossas esperanças, dos sonhos que eclodiram como que por surpresa não só no céu português de há vinte anos, como também no céu europeu? A opinião pública europeia – e em particular a de França, à qual nos unem tantos laços intelectuais e ideológicos – seguiu com paixão e susto o que se passava no pequeno país da extrema Europa, considerado tranquilo e sensato; a dizer a verdade, sem compreender muito esta estranha revolução feita por militares, de flor na espingarda, que, muito rapidamente, depois de ter acabado com uma ditadura conservadora, tentava converter-se em revolução social, desafiando com toda a inocência o *statu quo* político e social do Ocidente. De que é que se tratava? Do primeiro sinal de uma transformação política europeia que se situava na perspetiva de um tipo novo de socialismo, ou de um fenómeno de regressão

A hora da revolução: vinte anos depois

histórica vivido sob a forma de última ilusão lírica revolucionária que se veio a abater sobre o umbral do mundo – o nosso –, no qual toda a herança social e política do século XIX começava a mostrar, por fim, os sinais de um esgotamento fatal e irreversível?

Durante dois anos, a Europa inteira, privada de sonhos revolucionários desde a guerra de Espanha, pôs-se a sonhar, por interposição de Portugal, os sonhos floridos que vivemos entre nós segundo os modelos culturais, políticos e teóricos que esta mesma Europa nos tinha inspirado durante a longa travessia do regime antidemocrático de Salazar e de Caetano. O que aconteceu connosco durante este período faz lembrar um jogo de espelhos onde observador e observado, Europa e Portugal (o olhar da América é de outra natureza), devolviam sucessivamente um ao outro as mesmas utopias, as mesmas esperanças ou temores, sob ângulos diferentes, frequentemente opostos, sem saber exatamente a que é que estavam a jogar. E nós, os portugueses, atores e espetadores destas inauditas convulsões, não tínhamos uma perspetiva privilegiada desse jogo. Uma revolução talvez seja isto: não se sabe para onde se vai, mas vai-se, impulsionados por sonhos mais poderosos que nós mesmos.

Na verdade, donde vinha a nossa revolução? E para onde ia? No início dos anos 70, Portugal representa para muita gente, quer um anacronismo histórico quer um escândalo, ou as duas coisas ao mesmo tempo, tanto no plano interno como no externo. Para um certo número de portugueses, apaixonados pela liberdade e pela democracia, representa um enigma e um pesadelo para os que já não esperavam o improvável final que, de repente, a Revolução de abril materializou. Com efeito, não há razões para que aquilo que tinha sido possível manter-se durante meio século não se prolongasse. Em 1970, Portugal é a mais velha ditadura europeia, solidamente im-

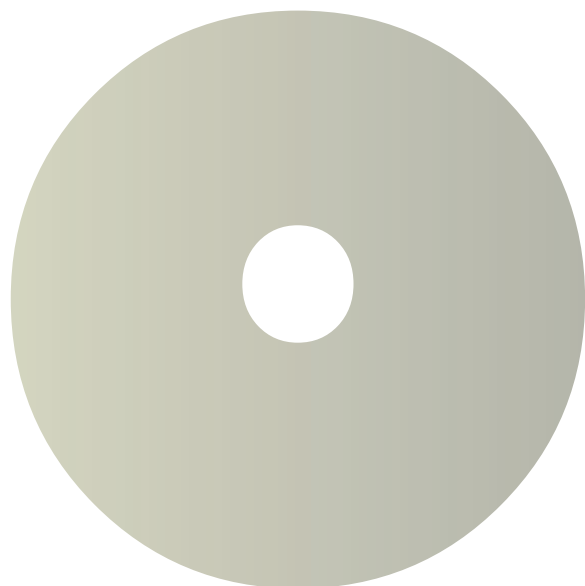
A hora da revolução: vinte anos depois

plantada apesar dos estalidos que se ouviam de vez em quando. No plano externo, é a única potência colonial que recusa ainda admitir o que outros impérios muito mais poderosos – Inglaterra ou França – já admitiram, isto é, a descolonização.

No entanto, dez anos depois, a primeira e última potência colonizadora europeia vê-se reduzida ao seu espaço do século XV, e o mais orgânico dos regimes antidemocráticos do Ocidente converteu-se, depois de algumas peripécias, numa democracia. Nenhuma nação do Ocidente conheceu, durante o decénio 70-80, uma agitação semelhante. Noutros países, tudo o que aconteceu entre nós há vinte anos – após o movimento de euforia da libertação –, e em particular a renúncia a um império colonial velho de meio milénio, teria provocado, sem dúvida, não só uma dilaceração no plano político como um traumatismo profundo. Nada semelhante entre nós. Ao fim de trinta anos de guerra colonial, o nosso velho império era uma carga e um pesadelo de que era preciso libertar-nos.

Foi esta a mola imediata da Revolução de abril. Mas a evolução da Europa, os verdadeiros interesses dos nossos agentes económicos, iam no mesmo sentido. África era uma carta perdida. Certamente, a sensação de atolamento, ao mesmo tempo histórico e ético, produzido pela forma como se pôs fim aos nossos sonhos imperiais anacrónicos, a forma como o processo de descolonização se desenvolveu – podia ter acontecido de outro modo? –, deixaram a sua marca na vida e na memória portuguesas posteriores ao 25 de abril. Mas tudo isto contou muito face à reconquista das liberdades cívicas, à institucionalização de uma democracia segundo o modelo ocidental. Graças a este novo estatuto de nação democrática, Portugal ia poder jogar na Europa em construção um papel capaz de o subtrair à sua realidade de pequeno país privado dali para a frente de toda a dimensão imperial.

A hora da revolução: vinte anos depois



regresso ao antigo lar lusitano foi-nos imposto pela força das coisas; a entrada na Europa, por considerações políticas e económicas cuja imperiosa necessidade havia já sentido, antes de 1986, o atual presidente da República. Era preciso amarrar um Portugal, onde forças e tendências não democráticas continuavam vivas, a um conjunto de forte coerência democrática; embarcar, por assim dizer, no barco da Europa democrática. Hoje em dia, quando se fala de melancolia democrática, quando o próprio sonho europeu parece embaciado, esta nova dimensão europeia de Portugal pode suscitar objeções, ou precisões desenganadas, por parte daqueles que, no fundo de si mesmos – inconscientemente, talvez –, continuam a sonhar com um Portugal de esplêndido isolamento. Mas ninguém, nem à direita

nem à esquerda, apresentou a menor alternativa à nova situação de Portugal, consequência da Revolução de abril.

Qualquer que seja o julgamento que façamos, quer sobre as peripécias principais de uma revolução que entrou muito rapidamente na mitologia da esquerda europeia, quer sobre a sua estabilização enquanto democracia parlamentar de tipo clássico, inclusivamente sobre a nossa adesão e integração no processo da construção europeia, vinte anos depois, Portugal mudou de rosto. Ou antes, conheceu essas mudanças de ordem estrutural, material, devidas ao próprio facto desta integração, que o menos que se pode dizer é que já não somos o que éramos apenas há vinte anos. Depois de um momento de perplexidade, em pouco tempo, operámos uma conversão do nosso projeto histórico de que se conhecem poucos precedentes. E fizemo-lo «à portuguesa», sem drama, habituados como estamos há séculos a fazer da necessidade virtude.

A grande questão, a que talvez mereça ser colocada hoje em dia, é esta: Adquirimos, para lá das aparências, um rosto novo? Durante séculos, ser português significava implicitamente sentir-se filho de um país colonizador, e

A hora da revolução: vinte anos depois

por esta razão, dotado, por assim dizer, de uma espécie de identidade universal imaginária. Agora que – por boas razões – não podemos prevalecer neste rosto imaginário, em que é que nos convertemos? Estamos na Europa, mas custa-nos, a nível simbólico, definirmo-nos como europeus. A europeicidade não acrescenta – ainda – nada ao que nos sentimos ser; ela não substitui a inscrição no espaço simultaneamente onírico e real que nos fez sonhar durante quinhentos anos.

E isto leva-me, para concluir, ao único tipo de carência que, ao fim destes vinte anos da pós-revolução de abril, se pode assimilar a uma certa desilusão que toca no próprio coração da herança da Revolução, e da própria Revolução. Trata-se de uma desilusão, por assim dizer, sem tema, mas bem real. A democracia foi legitimada; as suas consequências na vida política e quotidiana dos cidadãos são evidentes; vivemos num país livre e só aqueles que nunca conheceram a desgraça de viver longos anos – ou toda uma vida – na não democracia, podem considerar estes ganhos como formais ou desprezíveis. No entanto, de certo modo, a nossa democracia é, ao fim de vinte anos, uma espécie de regime sem nome. Quero dizer com isto que a Revolução – todos nós, e naturalmente os que a fizeram, desejaram, sonharam – não criou um verdadeiro imaginário, como outrora a monarquia, a Primeira República e até o Estado Novo. O seu momento mítico continua vivo – sem ele nós não estaríamos aqui –, revisitamo-la, sujeitos a imagens de homens reais que envelheceram, ou a heróis que não podem envelhecer, mas sim ser esquecidos; recordamo-la com canções e cravos que não murcharam na memória. Mas a tudo isto não corresponde um *imaginário* de abril verdadeiramente vivo. Talvez porque a Revolução de abril revele uma fissura secreta ainda incurável, talvez apenas porque os seus sonhos plausíveis, não aqueles que eram demasiado generosos e um pouco loucos, não se realizaram ou foram detidos

A hora da revolução: vinte anos depois

em pleno impulso. Mas o facto é este: uma revolução que se quis inovadora, que o foi no seu momento, no plano político e ideológico, tanto como no plano simbólico, perdeu a sua função mobilizadora, e o seu imaginário parece esgotado hoje em dia.

Este imaginário terá sido substituído por outro, em que vivemos, sem saber nem querer saber, perfeitamente felizes, numa espécie de «grau zero» da nossa existência simbólica? Certamente, sob um consenso aproblemático, vivido com uma euforia resignada muito portuguesa, encontra-se preservado o essencial da prática democrática restaurada e renovada pelo 25 de abril. Esta persistência não nos deixa esquecer totalmente o preço da herança do 25 de abril, nem aqueles a quem a devemos. Mas é forçoso verificar que, enquanto mínimo vital do ponto de vista político e ideológico, o referente democrático em si não alimenta já, nem fecunda já, o imaginário da sociedade portuguesa posterior ao 25 de abril.

Infelizmente, tal como a natureza segundo Aristóteles, o imaginário de um povo tem horror ao vazio. Se o que poderia ter sido o discurso assumido, o imaginário ativo digno da Revolução das Flores e do país ao qual ela restituiu a sua respiração natural, não irrigou a vida portuguesa nem inspirou a sua prática nem alimentou – salvo exceções – a sua cultura, é porque outro discurso ocupou pouco a pouco o seu lugar. Durante o último decénio, assistimos ao que, à simples vista, poderia ser assimilado ao «retorno do rejeitado», isto é, à ressurreição, reestruturação e reforço do antigo imaginário salazarista, conservador e ultranacionalista. Mas se olharmos mais de perto, veremos que esse retorno não é uma restauração. A antiga sociedade anterior ao 25 de abril está realmente morta, sobretudo porque o nosso mundo – o mundo – mudou vertiginosamente. Os seus herdeiros souberam esquecê-la ou readaptá-la a novas regras de um jogo que, já no fim do antigo regime,

A hora da revolução: vinte anos depois

não era compatível com a abertura de Portugal ao mundo, e ao Maelström da modernidade. No domínio da cultura, os herdeiros do antigo regime deram provas de uma invenção, de uma habilidade consumada para esvaziar de conteúdo o que, em certo momento, teria podido derivar do imaginário da Revolução. Tudo acontece como se tivessem sido os verdadeiros atores da Revolução e os defensores de uma liberdade que hoje em dia lhes permite neutralizar finalmente, e com total boa consciência, a recordação, as referências, os mitos do nosso discurso democrático, penosamente inventado pelo liberalismo português há século e meio. Graças a estes fantasmas do antigo regime ou aos seus herdeiros, a nossa condição crítica, já frágil, foi coberta, não sem humor ou graça, por uma irreverência superficial, por uma proliferação de discursos que, sob capa de despolitização, ou inspirados por um cinismo revanchista, recuperam as visões mais obscurantistas, chauvinistas e delirantes de que a nossa tradição sebastianista é fértil. Ao «orgulhosamente sós» sucedeu-se o euforizante «orgulhosamente únicos». Voltámos a um imaginário sem outro conteúdo para além do fantasma narcisista e infantil do nacionalismo de finais do século XIX, ao viver como plenitude o que procede da pura indignação.

Felizmente, repitamo-lo, o essencial foi preservado. Recentemente, um professor de Harvard, politólogo célebre, Samuel Huntington, consagrou um ensaio penetrante ao processo de democratização no mundo moderno. O seu livro intitula-se *The Third Wave*; faz começar este processo pela Revolução de abril de 1974. Isto liberta de toda a amargura. Segundo ele, Portugal pôs então o seu relógio na hora do mundo, e a hora do mundo, nesse momento, foi a hora de uma revolução de uma espécie desconhecida. A vinte anos de distância, o enigma da nossa revolução permanece intacto. A sua recordação não pesa senão àqueles a quem ela devolveu às masmorras de uma história de que se julgavam os beneficiários e os donos.

Paris, 25 de abril de 1994

Tradução de Cristina Rodriguez e Artur Guerra

GABO

1927-2014



*Os escritores dividem-se (imaginando que aceitem ser assim divididos...) em dois grupos: o mais reduzido, daqueles que foram capazes de rasgar à literatura novos caminhos, o mais numeroso, o dos que vão atrás e se servem desses caminhos para a sua própria viagem. É assim desde o princípio do planeta e a (legítima?) vaidade dos autores nada pode contra as clarezas da evidência. Gabriel García Márquez usou o seu engenho para abrir e consolidar a estrada do depois mal chamado “realismo mágico” por onde logo avançaram multidões de seguidores e, como sempre acontece, os detractores de turno. O primeiro livro seu que me veio às mãos foi Cem Anos de Solidão e o choque que me causou foi tal que tive de parar de ler ao fim de cinquenta páginas. Necessitava pôr alguma ordem na cabeça, alguma disciplina no coração, e, sobretudo, aprender a manejar a bússola com que tinha a esperança de orientar-me nas veredas do mundo novo que se apresentava aos meus olhos. Na minha vida de leitor foram pouquíssimas as ocasiões em que uma experiência como esta se produziu. Se a palavra traumatismo pudesse ter um significado positivo, de bom grado a aplicaria ao caso. Mas, já que foi escrita, aí a deixo ficar. Espero que se entenda. **José Saramago***

A Fundação José Saramago envia um abraço a todos os leitores de Gabo

A revista *Blimunda* dedicou a sua edição de maio de 2013 a Gabriel García Márquez. Um número que pode ser lido aqui: →●

infantil e juvenil

**Revoluções
avant la
lettre**

**Livros
revolucionários
antes do 25
de Abril**

abril

25

Com o 25 de Abril abriram-se as portas da edição ao mundo, aquele que estava vedado a Portugal pela censura, e aquele que Portugal simplesmente desconhecia. O livro infantojuvenil beneficiou de novas tendências, experiências e abordagens, assim como do reconhecimento alargado de autores que até então lutavam contra as malhas apertadas do didatismo e moralismo fascistas.

No entanto, uma revolução não se faz sem muitas revoluções subtis que a preparam. Desde finais do século XIX que a literatura infantil e juvenil conheceu figuras de destaque, que a promoveram e desenvolveram com recolhas e traduções de contos tradicionais, suplementos em jornais e trabalhos de autor, tanto ao nível do texto como da ilustração. Escolhemos um mosaico de livros revolucionários que, desde a segunda década do século XX e até ao início de 70, marcam a história do pensamento, da escrita, da estética e da receção do livro infantojuvenil.

seleção e textos de Andreia Brites e Jorge Silva

Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Pólo Norte

Ana de Castro Osório

il. Mily Possoz

Lusitânia Editora

1920

História dentro da história, os bonifrates (bonecos) Felício e Felizarda aventuram-se no Pólo Norte ensinando à miudagem noções básicas de Geografia. Manual escolar para a 5.ª Classe da Escola Primária, reflete as convenções da época, traçando um retrato pouco simpático do “outro”, os mal-cheirosos Esquimaus, mas as pedagógicas e realistas aventuras, à volta da bizarra fauna polar, inquietantes icebergues e a temerosa caça à baleia, têm uma narração sequencial inovadora na época. JS



Romance da Raposa

Aquilino Ribeiro,
il. Benjamin Rabier,
Aillaud e Bertrand
1924

Esta fábula, que não é alheia a outras de cariz tradicional cuja origem remonta pelo menos à Idade Média, destaca a polissemia da língua e a riqueza do discurso literário, ao serviço de uma narrativa avessa a maniqueísmos moralizantes. AB



História Extraordinária de Iratan e Iracema, os meninos mais malcriados do mundo,

Olavo d'Eça Leal
il. Paulo Ferreira
Edição de autor
1939

Aventuras de um casal de malcriadíssimos irmãos que, um belo dia, tomam a decisão de se desviar do rotineiro caminho para a escola e se envolvem em fantasiosas aventuras e extraordinários mundos que evocam a Alice de Lewis Carrol. O livro foi adaptado ao cinema por Paulo-Guilherme, filho de Olavo, em 1987. JS



Histórias e bonecos

José de Lemos
il. José de Lemos
Edições Ática
1947

São histórias absurdas de personagens amáveis de bairros populares e aldeias, com os seus pequenos enganos e grandes distrações. Os pacatos costumes são cortados por um nonsense amável, sem sinal de pecado ou culpa, que na época contrastavam com as madrastas vingativas, princesas casadoiras e príncipes palermas que pululavam nos livros da Editora Majora. JS



Bichos, Bichinhos e Bicharocos

Sidónio Muralha

il. Júlio Pomar

Música Francine Benoit

Edição de autor

1949

Nove historinhas, três delas musicadas, onde a bicharada, em versos de humor afinado, assume humanas virtudes e defeitos. No conto Grilos e Grilões assiste-se a uma desencantada luta de classes, que cumpre a matriz ideológica da vida e obra literária do autor. Júlio Pomar, então com 23 anos, ensaia já o caligráfico traço que o distinguiria como um virtuoso ilustrador e companheiro de jornada da literatura neorrealista. JS



Um Fidalgo de Pernas Curtas

Ilse Losa

il. Júlio Resende

Edições Marânus

1958

Tudo começa numa «ilha» da cidade do Porto, lugar menos próprio para idílicas aventuras infantis. A narrativa implicada denuncia desigualdades ao mesmo tempo que elege a felicidade como princípio, com as caricaturas de Resende a reforçarem o humor crítico do livro. AB



A Galinha Verde

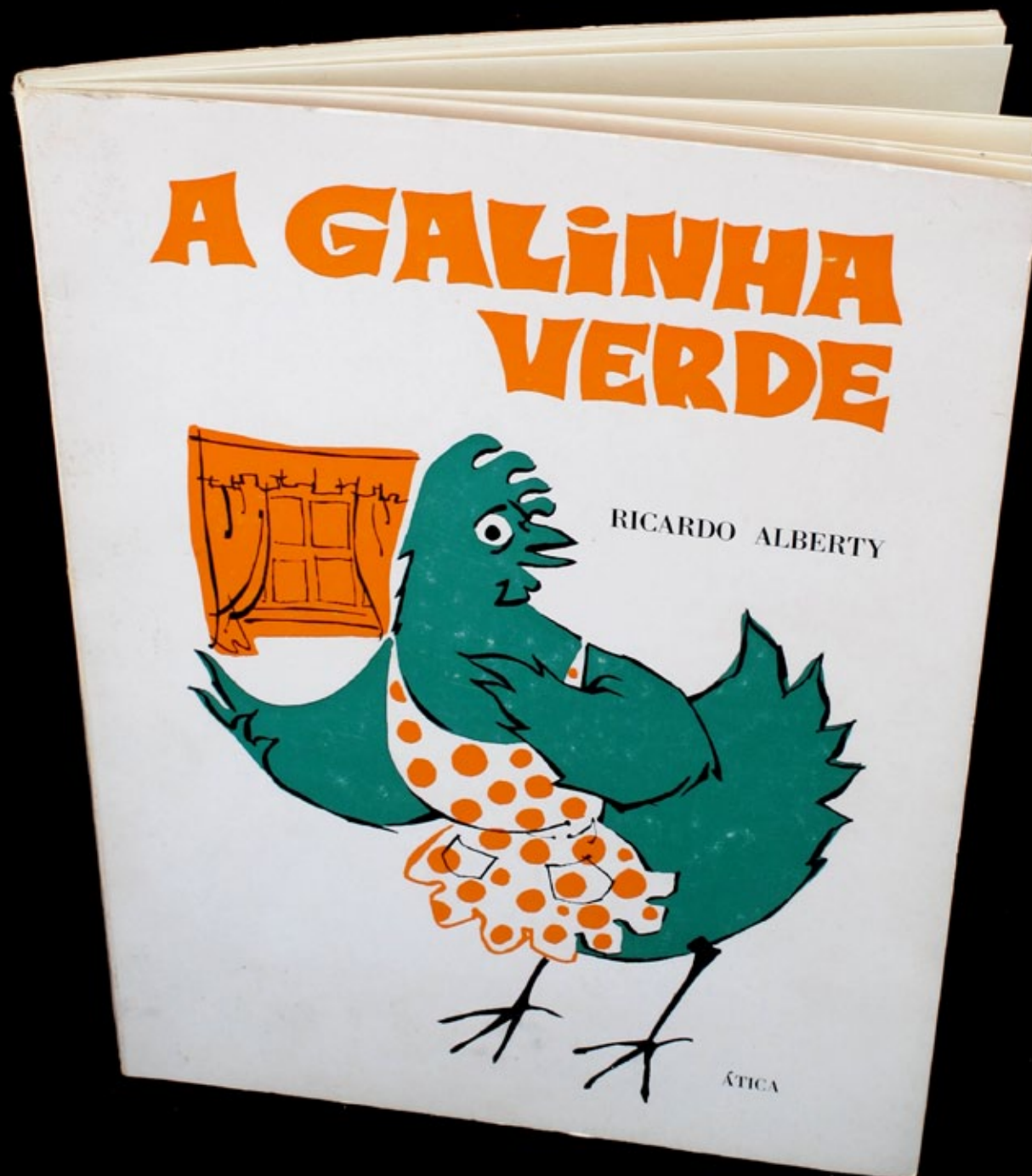
Ricardo Alberty

il. Júlio Gil

Edições Ática

1959

A sua escrita e a abordagem contornam o sentido pedagógico e monocórdico de muitas edições infantis. O trabalho do humor, pela palavra e pela situação são uma inovação de vulto. AB



Histórias de Pretos e Brancos

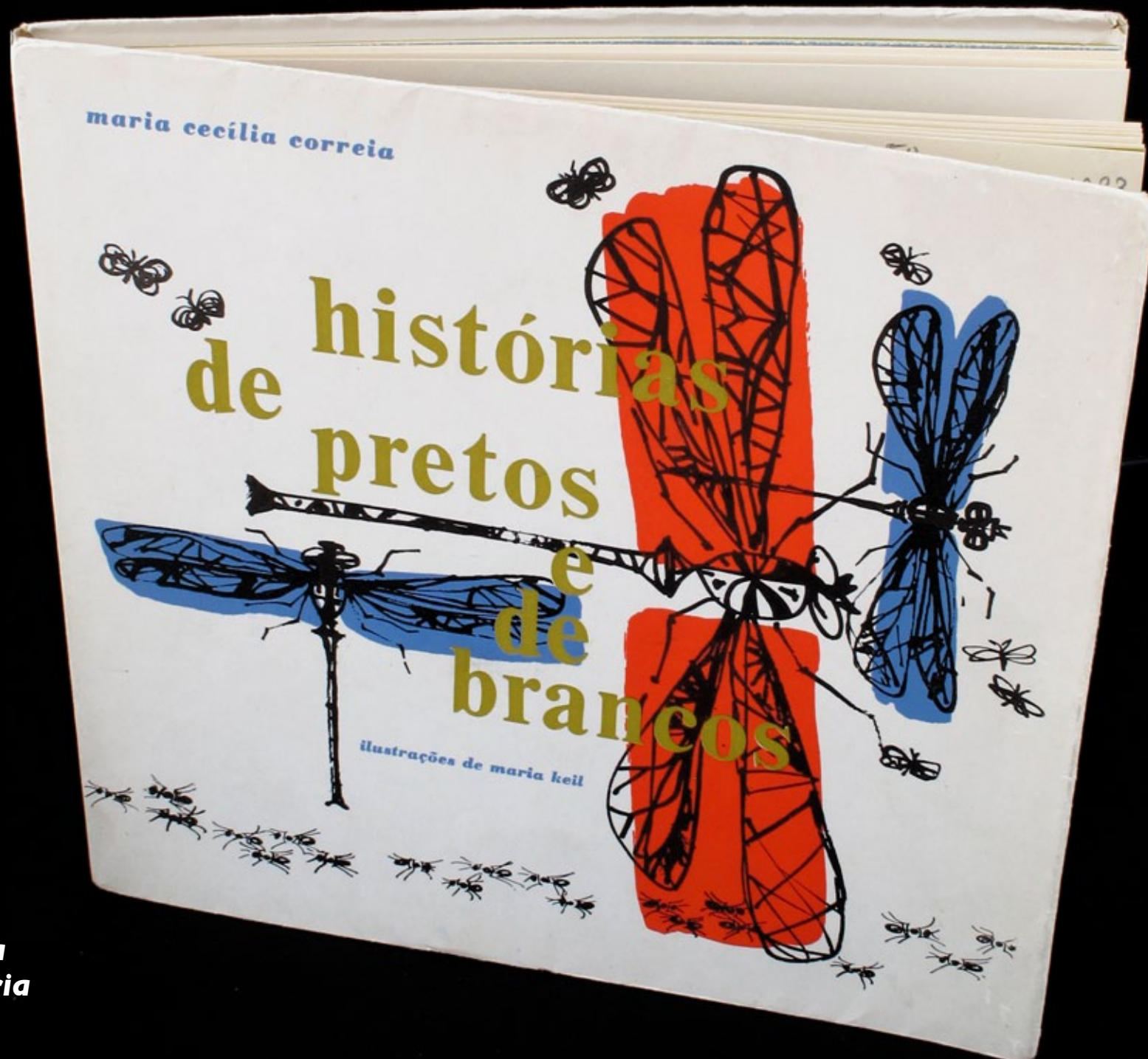
Maria Cecília Correia

il. Maria Keil

Edições Ática

1960

O título é todo um programa, onde encantadoras crianças entregues a brincadeiras que mimam o mundo dos adultos e adultos que querem ser crianças dão exemplo de fraternal coexistência, sem paternalismo nem caricatura. As ilustrações a traço grosso e tramas mecânicas, salpicadas de insetos voláteis e rastejantes, são uma obra prima da ilustradora Maria Keil. JS



● **Palhaço Verde**

Matilde Rosa Araújo

Portugália Editora

1962

Esta edição foi ilustrada pelos alunos da Escola Elementar Francisco Arruda, sendo totalmente inovadora na criação de um diálogo criativo entre o texto e a sua receção. Para além disso, o cómico e o trágico desta narrativa e a construção da personagem do palhaço tem uma rara profundidade psicológica e social. AB



O Livro da Teresinha, Histórias de Animais

Por Lília da Fonseca
il. alunos da Escola Técnica
Elementar Francisco Arruda, Lisboa
Coleção Carrocel
1963

Visão libertária da literatura para a infância, propunha a ilustração feita por crianças, contra os preconceitos e o artificialismo da ilustração feita por adultos. À patetice das histórias fantásticas de bruxas e feiticeiras, as Histórias de Animais contrapunham um humanismo alicerçado nas conquistas sociais e científicas da Humanidade. A História real, factos do quotidiano, até mesmo fait divers em notícias de jornal, eram matéria-prima para os contos da coleção. JS



Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo

José Gomes Ferreira,
capa João da Câmara Leme
Portugália Editora
1963

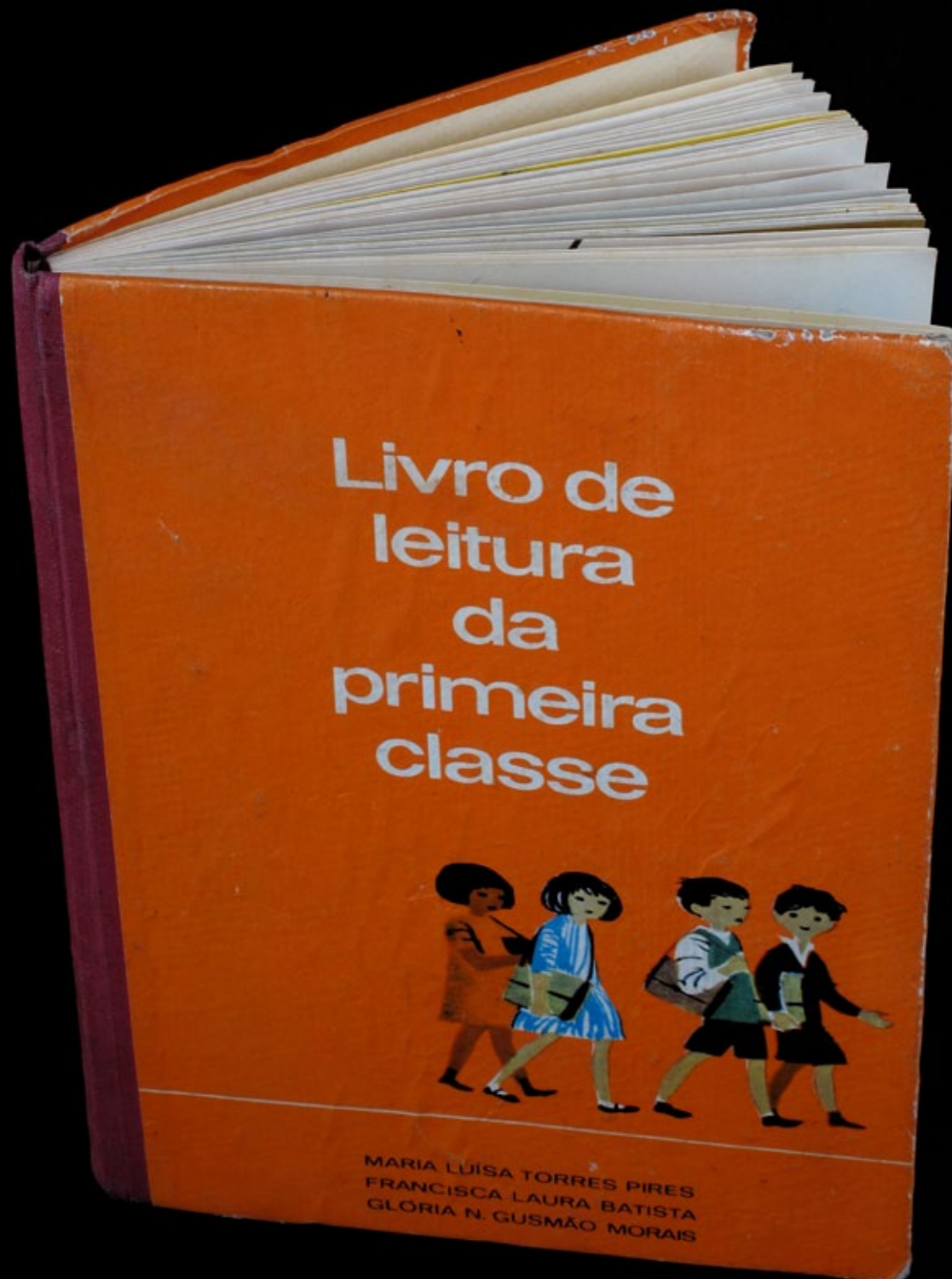
***Um herói que questiona a
resignação instalada e parte
em busca do mundo mostra o
confronto do poder do medo
com o poder da liberdade. Tudo
isto entre um universo surreal e
mágico, referentes tradicionais e
uma ética de justiça social. AB***



Livro de Leitura da Primeira Classe

Maria Luísa Torres Pires, Francisca Laura Batista e Glória N. Gusmão Moraes
Il. Luís Filipe Abreu e Maria Keil
Porto Editora,
1967

É a rutura com o ensino paternalista dos manuais escolares, que vinham dos anos quarenta, da resignação à pobreza, a exaltação do mundo rural e do nacionalismo e a obediência à Igreja, ao Estado e à Família. Nesta revolução pedagógica, com continuação no Livro da Segunda Classe, de 1968, os olhos das crianças abrem-se ao mundo contemporâneo e a uma relação mais saudável com os adultos. JS



● **Soldado João**

Luísa Ducla Soares

il. Zé Manel

Estúdios Cor

1972

Associado à guerra colonial, este texto aparentemente ingénuo põe a nú o absurdo da guerra em contraponto com a solidariedade natural entre as pessoas, protagonizado pelo soldado que nunca compreende o sentido bélico da sua função. AB



● **Veado Florido**

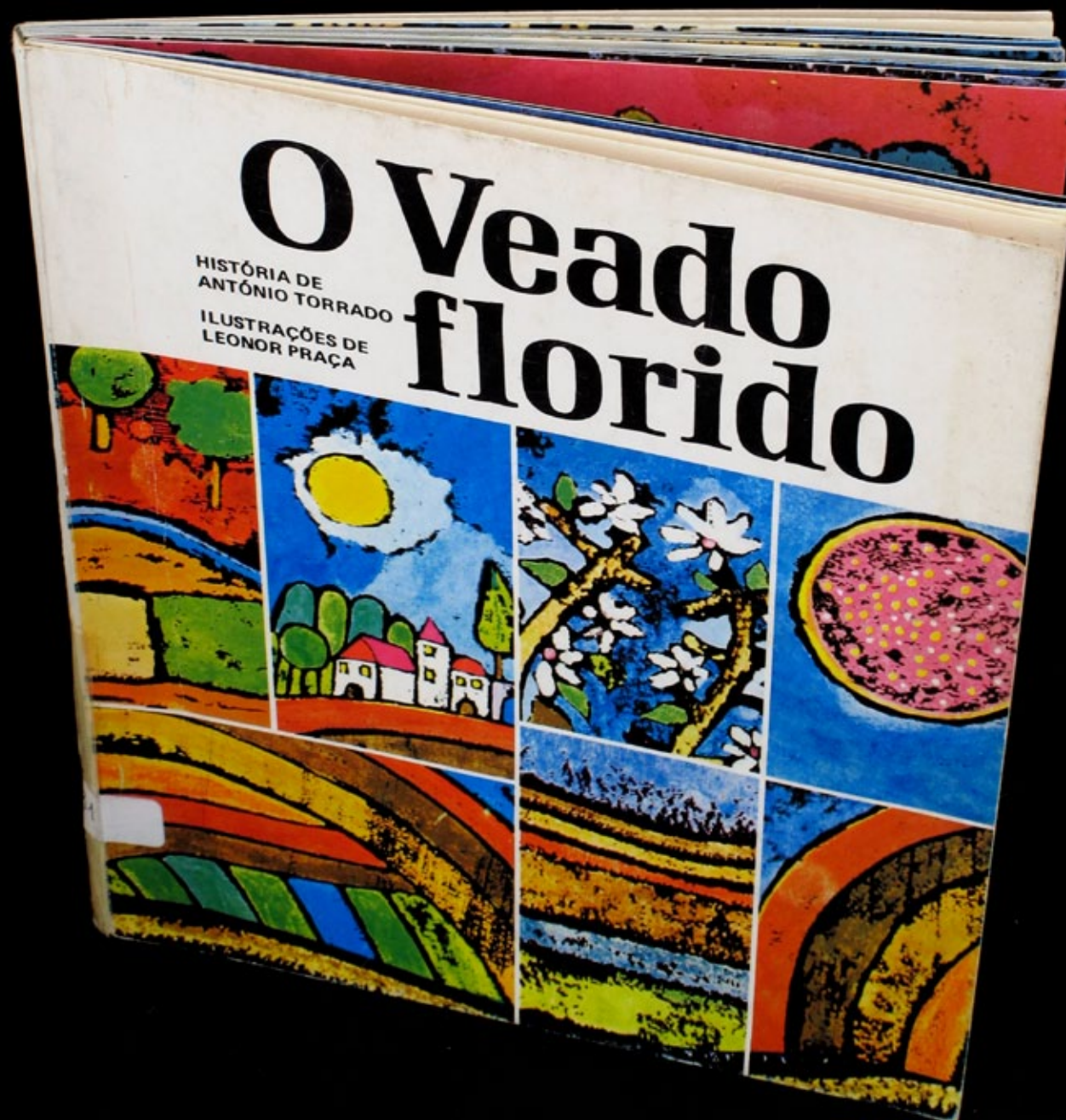
António Torrado

il. Leonor Praça

Editorial O Século

1972

Incluído na Lista de Honra do Prémio Hans Christian Andersen em 1972, é um marco na receção da obra do autor que, através de uma narrativa de cariz universalizante, como as histórias tradicionais, concebe não apenas uma mensagem moral mas também política. AB



O País das Pessoas de Pernas para o Ar

Manuel António Pina

il. João Botelho

A Regra do Jogo

1973

Livro inaugural, marca uma linguagem nova que questiona pelo humor do absurdo. A criação de um contexto alternativo e assumidamente ficcional desvia igualmente a temática das suas raízes mais tradicionais. AB





Andreia Brites

a três mãos

Foi a primeira vez na história da Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha que participaram, com stand, três editoras portuguesas independentes: Planeta Tangerina, Orfeu Negro e Pato Lógico. Esta espécie de santíssima trindade da edição para a infância conseguiu o que nunca outras editoras, de grande ou médio porte, tiveram capacidade ou interesse em fazer.

TOCA A REUNIR



odos são unânimes em dizer que a Feira correu bem. Tanto quanto afirmam, cautelosamente, que nunca se sabe exatamente que direitos se vendem em Bolonha, porque os contratos não se fecham na Feira. «O resultado da presença em cada ano só se pode medir com segurança alguns meses depois de regressarmos. Às vezes, há contactos que só se concretizam na assinatura de um contrato no ano seguinte», explica André Letria. Isabel Minhós Martins concorda.

A verdade é que não é preciso ir a Bolonha para vender direitos. No entanto, é lá que as pessoas se conhecem, que o livro se materializa, se folheia, que as relações se estreitam e que a imagem se consolida. A editora do Planeta Tangerina conta, por exemplo, que o álbum *Olhe, por favor, não viu uma luzinha a piscar?/Corre, coelhinho, corre!* de Bernardo Carvalho não tinha muita recetividade apresentado em pdf porque «é um livro difícil de ver num ecrã. Mas é um livro de que as pessoas gostam imenso quando és tu que o mostras». E Madalena Matoso acrescenta: «Temos contacto o ano todo com os editores. Mas claro que é importante ir lá para ver as pessoas, ver as caras delas, elas verem as nossas, conversar, apresentar-lhes os projetos em maquete. Há pessoas de quem gostamos que só vemos em Bolonha.»

A quase totalidade dos contactos é feita anteriormente, com envio de catálogos e pdfs. Alguns meses antes da Feira, já se definem quais as

editoras interessadas, e agendam-se as reuniões. O processo é bastante semelhante para as três editoras.

«O que temos feito é mandar um e-mail em janeiro para as editoras a dizer: “Aqui está o nosso catálogo novo, se estiverem interessados podemos enviar algum pdf e podemos agendar uma reunião em Bolonha”. Este ano não fizemos isso. As editoras vieram todas ter connosco. E mesmo assim ficámos com o horário cheio de reuniões. No meio disto tens aqueles editores que gostam de vir ver as nossas novidades, de falar um bocado connosco, mesmo que nunca nos comprem direitos», afirma Isabel. É tudo uma questão de gestão e de experiência. E no caso do Planeta Tangerina, de tentar diversificar cada vez mais os contactos sem porem em causa os que já têm.

André Letria é talvez o editor com mais experiência de ilustrador visitante da Feira. Quando venceu o Prémio Nacional de Ilustração em 1999, com o álbum *Versos de Fazer Ó-Ó*, uma parte do prémio destinava-se, como continua a acontecer, a participar na Feira de Bolonha. Foi então que se estreou, uma década antes de se tornar editor.

Por seu turno, Isabel Minhós Martins e Madalena Matoso recordam que a primeira vez que aterraram na Feira foi pouco depois de acabarem o curso, em 1998, por interesse e curiosidade. Carla Oliveira foi a última a chegar. Antes de iniciar a coleção infantil da Orfeu, a Orfeu Mini, nunca tinha ido à Feira. Quando foi, já levava a perspetiva de editora que comprava direitos, nomeadamente de ensaios e literatura para adultos, primeiro para a Antígona, e depois para o seu próprio catálogo. É também a única que não acumula a função editorial com a autoral, a sua história é outra.

A IMPORTÂNCIA DE TER STAND



Ter stand significa encontrar e ser encontrado. Essa é a principal diferença. Quando se vai à Feira sem espaço, há pouca margem para algo mais que não sejam as reuniões marcadas previamente. Com um stand a editora expõe o seu catálogo a quem passa e desperta o interesse espontâneo de outros editores, ilustradores, escritores, bem como do público em geral. Madalena Matoso

diz que tem a ver com o compromisso da própria editora. Não passa pela credibilidade, mas por aquilo que é e representa. Para chegar ao stand, o Planeta passou por várias fases. Inicialmente, levavam-se os livros e os catálogos numa mala e reunia-se com os editores estrangeiros nos seus stands ou no stand da DGLAB. Depois, em 2010, a editora italiana Topipittori desafia os «Planetas» a partilhar o espaço, na condição de editora convidada. O valor a pagar era consideravelmente mais baixo e a experiência permitiria à equipa portuguesa avaliar benefícios e eventuais desvantagens. Assim foi em 2010 e 2011. Em 2012, com Portugal como país convidado, o Planeta aproveitou a maior dimensão do stand da DGLAB e voltou a viajar com uma mala com rodinhas, de design original, como é seu apanágio. E eis que em 2013 tomam a decisão de avançar para o aluguer de um espaço exclusivo. «Nós somos uma editora que aposta em originais. Se tens isso e uma área grande de negócio que é a venda de direitos faz sentido que estejas representado numa feira



Orfeu Negro
Lisboa, Portugal



Pato Lógico Edições
Lisbon, Portugal

» CATARINA
SOBRAL*
SM AWARD 2014
*(IT'S NOT SADO-MASO)

“Alguns editores estrangeiros dizem-te: “Este ano tens stand? Então vou lá ver.”

Carla Oliveira

Stand da Orfeu Negro e da Pato Lógico



Planeta Tangerina,
Carcavelos, Portugal

I 9

D34

SLOVENIA

“Já me disseram: Não gostei de nada. A única coisa de que gosto agora na Feira é dos portugueses.”
Isabel Minhós

Stand da Planeta Tangerina



“Porquê tanto desprezo pelo maior evento comercial na área da edição infantojuvenil por parte dos grandes grupos editoriais?”

André Letria

Stand da DGLAB - Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas

onde estão editores de todo o mundo. Por exemplo, há mercados onde é difícil entrarmos, como o da Alemanha. Por acaso até vamos ter um livro novo na Alemanha, mas não é muito fácil. É diferente serem os editores que andam a ver coisas a descobrir-te, ficarem interessados e contactarem-te do que tu, numa lista de 500 editores na Alemanha, atirares o catálogo às escuras para um e-mail que nem sabes quem é que vai receber, às vezes nem chega ao mail da pessoa certa.»

Para André Letria, o que desencadeou o processo foi a experiência de 2012, quando a Pato Lógico partilhou stand com outras cinco editoras portuguesas (Bags of Books, Edições Eterogêmeas, Gatafunho, Tcharan e Trinta por uma Linha). «Tivemos um stand em 2012 e 2014 e, em 2013, fomos apenas visitantes com reuniões marcadas. Nesse ano também conseguimos fazer acordos para a venda de direitos, mas em menor número do que em 2012. Isto reforça a ideia de que as reuniões espontâneas têm um peso grande na divulgação do trabalho e na angariação de editores interessados em comprar os nossos direitos.» O editor e ilustrador português é bastante perentório na apresentação das razões que o levaram a decidir apostar num stand, apesar dos custos muito elevados: «O investimento num stand resulta numa maior visibilidade junto dos editores estrangeiros e do

resto do público visitante da feira. Os editores que nos visitam para as reuniões já sabem quem nós somos e conhecem o nosso trabalho, pelo menos através do catálogo que enviamos em contactos de preparação da feira. Para além destes há outros que nos visitam por acaso. Daqui saem muitas reuniões espontâneas que muitas vezes resultam em vendas de direitos.»

Uma forma de diminuir esses custos que começam logo pelo valor de €3200 correspondente ao aluguer do stand, sem contar com as viagens, o transporte dos livros e o alojamento, foi a partilha de espaço entre a Pato Lógico e a Orfeu Negro. «Se não me engano, fizemos o desafio à Carla quando começámos a preparar a nossa presença, a meio do ano passado, tomando como exemplo o que tinha acontecido em 2012, quando dividimos o stand com outros editores. Tínhamos a noção de que a única hipótese de irmos seria através da partilha de custos. Este ano só a Carla disse que sim. Mais tarde, já em cima da hora de decisão, foi ela que acabou por insistir connosco, uma vez que ainda não havia certezas da nossa parte. Era muito dinheiro envolvido para dividir apenas por dois e estávamos receosos. Foi muito graças à persistência dela que acabámos por avançar.» Carla Oliveira adianta que a sua estratégia editorial para este ano passava por um stand em Bolonha, com visibilidade para a imagem da editora e para os livros. Este ano era preciso alargar contactos e dar experiência a um novo elemento da equipa. «Estás mais tempo presente, podes reunir com mais pessoas. Depois é muito bom conheceres a cara das pessoas com quem trabalhas mas que ainda não conheces bem. Há pessoas que não tiveram tempo para te dar resposta e vão lá. Outras passam,

alguns editores estrangeiros, que te dizem: “Este ano tens stand? Então vou lá ver.”»

Catarina Sobral tinha tido sucesso no ano passado, e este ano, com a sua seleção para a Exposição dos Ilustradores, tudo se conjugava. Para além disso, a Orfeu levava na bagagem a maqueta de um novo álbum de Madalena Moniz, outra edição original. Por isso, era essencial ter stand.

ALIMENTAR SINERGIAS



pergunta da praxe: «Como estava a Feira?» a resposta desilude: «Não tivemos tempo para ver nada! Não saímos do stand.» Yara Kono, do Planeta Tangerina, acrescenta: «Este ano nem conseguimos dar um pulinho à Hamelin», onde estava uma exposição de

Benjamin Chaud, autor de *A Canção do Urso* e *As Férias do Pequeno Urso*, ambos editados pela Orfeu Negro. Carla Oliveira, apesar da azáfama interminável, ainda conseguiu encontrar-se com o seu autor.

Como editora vendedora e compradora teve uma agenda repartida entre reuniões no stand da Orfeu e da Pato Lógico, para vender, e outras nos stands das editoras estrangeiras, para comprar. Para além disso, marcou presença no jantar de editores de Oliver Jeffers, uma oportunidade para trocar ideias e aprendizagens com

colegas com interesses comuns. De resto, pouco ou nada viu. Nem o pavilhão dedicado às crianças, nem a mega livraria, nada. Fez-lhe falta tirar um dia para ver a Feira, como fazia nos outros anos. Com stand, foi impossível. «Como tens stand acabas por estar na feira desde segunda de manhã até quinta à tarde. Consegues ter reuniões na quinta-feira com editores com quem houve desencontros ou com ilustradores ou outras pessoas que querem passar para conhecer e tu dizes: “Ok, passe lá então quinze minutos.” Tínhamos ginginha no pavilhão e chocalatinhos com amêndoas numas caixinhas com o elétrico 28.»

Inevitavelmente, passou muito do seu tempo naquele espaço partilhado de quatro metros por quatro. E não pode estar mais satisfeita com a experiência. «Em primeiro lugar, ganhamos contactos e eles também.» Acrescenta que gosta dos livros do catálogo do Pato Lógico e chegou a recomendar alguns aos editores estrangeiros com quem reunia.

«São catálogos muito diferentes que se tocam. Por exemplo, o editor italiano do *Mar* é o mesmo do *Achimpa*, La Nuova Frontiera.»

Não vê, tal como André Letria, nenhum inconveniente ou concorrência. Pelo contrário, as coincidências foram favoráveis a ambos. A menção honrosa nos Bologna Ragazzi Awards para *Mar* e o Prémio Internacional de Ilustração da Fundação SM para Catarina Sobral pelas ilustrações de *O Meu Avô* dividiu os galardões pelas editoras, o que calhou bem. Para além disso, como a Pato vai lançar uma narrativa de imagens da autora na sua coleção, Catarina acabou por representar as duas editoras. De tal forma se otimizaram recursos que a falta de tempo levou a que os dois edi-

tores portugueses reunissem em simultâneo com um congénere interessado em projetos de cada um.

«A divisão do mesmo espaço permite uma partilha de contactos. Editores que visitam a Orfeu acabam por ver o nosso trabalho e vice-versa. Há também um convívio muito saudável na organização e montagem do stand, que se estende à vida social que existe para além da Feira, nos jantares, festas, exposições, etc. Pois, a Feira não é só trabalho!», acrescenta André Letria.

A assinalá-lo houve o jantar dos portugueses, quando os que conseguiram se encontraram e acabaram por descontraír até o cansaço se instalar. De resto, não há muito tempo para conversar. Apesar de estarem no mesmo pavilhão, o stand do Planeta Tangerina não ficava perto do da dupla Orfeu/Pato. Por isso não se viam muito, sequer sentiram muito a sua presença. «Às vezes vinham ter connosco, aconteceu umas editoras estarem perdidas à procura do stand da Carla (Orfeu Negro) e fui lá levá-las», recorda Isabel. Carla Oliveira destaca, por outro lado, a vantagem da localização praticamente à frente da DGLAB, que todos os anos leva a Bolonha um *best off* do que se editou em Portugal, como montra para os editores estrangeiros. Se o editor estiver na Feira, ótimo, o contacto faz-se ali mesmo. Se não estiver, a equipa da DGLAB encarrega-se de dar ao editor estrangeiro os dados que permitam um contacto posterior. Por isso, a afluência ao stand da DGLAB ocorreu igualmente ao stand das duas editoras independentes como fenómeno natural de contágio. «Aparecem editores estrangeiros às vezes com livros que querem tentar vender aos portugueses e pode acontecer alguém da DGLAB pensar: “Isso se calhar é bom para a Orfeu.” E vão ali

chamar-me: “Olha Carla, queremos apresentar-te x”. Eu olho e digo (isto foi o caso específico de um editor de Singapura): “Este livro é muito bonito mas a faixa etária...” Aparece a Margarida da Kalandraka e eu digo: “Oh Margarida, olha lá para isto... Podia ser a vossa cara, mais para miúdos de 8, 9, 10 anos...”»

A CRESCER



s experiências de cada editora são diferentes mas pressente-se mais recetividade ao trabalho editorial dos portugueses. Isabel Minhós Martins chega a comentar que há quem diga que os portugueses estão na moda.

Ouviu comentários de que o certame tinha menos gente, mas confessa que não se apercebeu de nada. No stand do Planeta, que mantém a localização do ano passado, junto à Topipittori, não se notava menos afluência. «Já me aconteceu dizerem-me: Não gostei de nada. A única coisa de que gosto agora na Feira é dos portugueses. Há editores que dizem isso. Os portugueses agora é que estão a dar cartas.»

Carla Oliveira diz ter intuído uma mudança na recetividade à presença portuguesa que começou com a célebre exposição *Ilustrações.pt*, comissariada por Eduardo Filipe e desenhada por Gémeo Luís em 2008 e se efetivou em 2012, quando Portugal foi país tema e teve

patente, no pavilhão principal do certame, a exposição de ilustração Como as Cerejas. Outro dado a ter em conta é o facto de começarem a ver-se as edições portuguesas à venda na livraria do centro, a Stoppa-ni, lugar obrigatório para muitos dos participantes da própria Feira. Mas estava tudo muito disperso. O papel da DGLAB é, para a editora da Orfeu, um trunfo que não podemos esquecer. Desde 2008 que é a equipa desta direção-geral quem assegura uma comunicação de conjunto. André Letria tece mais considerações: «A presença do Planeta Tangerina, desde há uns 4 anos, se não me engano, e a nossa, desde há 3 (agora com a Orfeu, com queremos continuar), é uma montra que chama muita atenção. Isto acontece pela qualidade das obras, que até dá prémios. Os do Planeta, no ano passado (Melhor Editora e menção para *A Ilha*) e a menção para o *Mar*, neste ano, levam muitos editores a visitar-nos durante a feira e, mesmo antes, procurando o nosso trabalho através dos sites.

«É preciso dizer que nenhum dos prémios atribuídos aos livros seria possível sem um stand alugado. E por isso fica a pergunta: quantos prémios podiam outros autores ter ganho ao longo dos anos, se outras editoras – com muitos mais meios do que nós – tivessem investido na presença na Feira? Para além destes prémios mais imediatos, não poderia ter havido já um Prémio Andersen para escritores como a Alice Vieira, ou o António Torrado, por exemplo, se as suas obras fossem mais divulgadas pelos seus editores na Feira?»

A verdade é que o prémio atribuído a Catarina Sobral vem sustentar ainda mais a tese de que quanto mais presente se está, mais frutos se colhem. Houve mais visitas ao stand, mais procura e curiosidade pelos livros da autora, mais pedidos de informações,

nomeadamente posteriores à Feira, por parte de editores com quem não tinha havido contacto lá. Carla Oliveira considera que o prémio trouxe novos interessados e reforçou o interesse daqueles que já o haviam manifestado. No caso de *Vazio*, o título a editar pelo Pato Lógico, houve ainda encomendas por parte de livrarias estrangeiras, de Itália à Coreia. Com a edição de uma obra pela Fundação SM, Catarina Sobral chegará aos países iberoamericanos onde a editora opera, e não são poucos, começando por Espanha, passando pelo Brasil, Argentina, México ou Colômbia.



quando perguntamos o que significa ter três editoras independentes em Bolonha, André acrescenta: «Passa a haver uma “imagem da edição infantil fora de portas”. O que é que havia antes? Alguns editores que faziam a viagem para comprar direitos a editoras estrangeiras. Só é pena ter passado tanto

tempo para que isto acontecesse. E acontece agora através de três editores independentes. É verdade que temos autores editados no estrangeiro, mas porquê tanto desprezo pelo maior evento comercial na área da edição infantojuvenil por parte dos grandes grupos editoriais? E ainda antes de eles existirem, porque razão não houve durante tantos anos editoras portuguesas representadas na Feira?»

LEMBRO-ME

JOÃO PEDRO MÉSSADER

LÁPIS DE MEMÓRIAS



A memória é um paradigma da literatura universal. A necessidade de narrar uma história como testemunho, marca, vestígio, é uma ação contra o esquecimento, e vem desde que o homem criou o primeiro símbolo. O efêmero e o eterno que se digladiam por um lugar na história, ou na vida, dependem da memória e do seu valor. Tanto quanto a identidade e a subjetividade: a verdade, a realidade e a impossibilidade de as alcançar são conceitos e teses alimentadas pela teoria da literatura de formas diferentes ao longo dos séculos, de acordo com correntes do pensamento universal.

A memória acompanha estilos, tipologias, cânones. Dos hypomnemata latinos às epístolas e aos diários, sem esquecer os livros de memórias, as biografias e autobiografias. *Dom Quixote* e *Em Busca do Tempo Perdido* são dois cânones que comprovam a amplitude plurissignificativa desta palavra.

A memória é também, por isso, território de fronteira entre o género literário e o não literário, ampliando-o, apagando-o. Como a Literatura, ou ainda mais, a História vive do testemunho, do facto registado, da perspectiva múltipla. Neste livro, une-se a vontade de fazer história com o poder da literatura, não no sentido criativo, mas de responsabilidade.

João Pedro Mésseder explica na nota prévia que livro escreveu, e porque o fez: «Escrevi este texto

em 2012, por dever de memória, para ser lido a jovens com idades entre os dezassete e os vinte e poucos anos. Pretendi transmitir o testemunho de alguém que, em 25 de abril de 1974, tinha acabado de fazer dezoito.»

Muito se discute, igualmente, se a literatura deve estar ao serviço de outra causa que não seja a própria, embora no que respeita aos jovens o vazio crítico e analítico ainda não se tenha aproximado, nem de longe, dos argumentos a debate na dita literatura para adultos.

Quando Mésseder assume uma intenção clara – um dever testemunhal para com uma geração que não conheceu Portugal antes do 25 de abril – obriga o discurso a uma função de comunicação que, à partida, não é literária. Ainda reforça essa condição quando expõe a forma como pretende fazê-lo. «Trata-se, pois, do testemunho de alguém que ainda conheceu razoavelmente o Portugal dos anos sessenta e setenta do século XX e se dirige a quem, pela sua juventude, já não pôde, felizmente, conhecer esse país cinzento e triste.

«Por isso, escolhi uma determinada estrutura. Por isso, utilizei palavras simples. Por isso, incluí uma ou outra referência explicativa que seria desnecessária, caso estivesse a dirigir-me a adultos da minha geração ou de gerações anteriores à minha.»

O texto tem uma estrutura enumerativa, marcada por uma anáfora que se repete a cada nova frase: «Lembro-me». Este recurso, aparentemente superficial e quase didático, recupera o texto para a literatura. Dá-lhe ritmo e ênfase. A exaustão da enunciação da memória reforça a sua importância e a sua dignidade, espelhada na totalidade de cada predicado, muitas vezes surpreendente e quase chocante: as perseguições aos estudantes pela PIDE, a guerra colonial, as eleições falsificadas, os panfletos clandestinos, a música de intervenção, a miséria, as escolas só para rapazes ou só para raparigas, a proibição da coca-cola, a inauguração

prendido os estudantes envol-
que não tinham conseguido

me de ser identificado, na ma-
guinte, por um funcionário
ador da PIDE, à entrada da
de Germânicas da Faculdade.
me de os meus colegas que
presos terem sido em seguida
sos, automaticamente
ados e impedidos de continuar
dos.

me de que os que perdiam o
ento militar por repetência
comprovado envolvimento
ividades políticas de oposição
ncorporados no exército e mo-
os para a Guerra Colonial.
me de participar em muitas
es do movimento estudantil
torizadas, no Teatro Univer-

35
sitário do Porto, e nas Faculdades de
Engenharia, de Letras e de Medicina.
Lembro-me de a minha Mãe andar
sempre com o coração nas mãos,
receosa de receber a notícia de que
o filho fora preso por actividades
políticas.

Lembro-me de, quando saía do liceu,
ir a uma livraria que havia no Largo
do Padrão e de aí comprar, às escondi-
das, livros que estavam proibidos
pela Censura. Lembro-me do rosto,
dos olhos e das palavras cautelosas do
dono da livraria.

Lembro-me de, anos a fio, os governan-
tes serem sempre os mesmos, de não
haver eleições como hoje há, mas ape-
nas um simulacro de eleições, de que o
cidadão comum quase não ouvia falar,
por causa da Censura à imprensa, à
televisão e à rádio. Lembro-me de que

dos primeiros troços da A1, a emigração, a inexistência de pensões de reforma, as manifestações e as cargas policiais no 1.º de maio, que não era feriado... A cada nova frase adensa-se a sensação de claustrofobia e a palavra inicial dá-lhe peso. A memória, relatada em primeira pessoa, confere veracidade à narrativa, e com essa veracidade chega um exercício inevitável para o leitor: imaginar cada situação, vivenciar um quadro, reproduzir uma ou outra sensação. Cria-se um efeito de cumplicidade e acrescenta-se algo de irreproduzível e irrepetível ao facto narrado, algo do domínio da subjetividade, algo do domínio do texto e que só ali se concretiza. Isso também é literatura.

«Lembro-me de uma mulher de cinquenta e tal anos que subia a minha rua transportando colchões e sofás, e que acabou os seus dias com a coluna vertebral tão deformada que a cabeça lhe ficava a um metro do chão.»

O projeto gráfico de Ana Biscaia integra fotografias de época, páginas de jornais, poemas, propaganda e registos de efusão no 25 de abril, ilustrando o texto com um véu que apenas deixa vislumbrar essa realidade a que não acedemos. No final, a última frase do texto está agora sobreposta à multidão: «E lembro-me da Revolução que só então começou e que duraria vinte meses, os vinte meses mais exaltantes da minha vida.» Passam 40 anos da Revolução de abril que devolveu a liberdade às pessoas e com ela valores fundamentais. É um facto. Impedir o esquecimento é um compromisso que a literatura também pode assumir, pela pena de quem o souber fazer, assumida e literariamente.

BOLONHA **OS INCONTÁVEIS** **PRÉMIOS**

A Feira de Bolonha é o lugar onde se concentram alguns dos mais importantes prêmios dedicados ao livro infantil e juvenil, ao autor e à promoção da leitura. Este ano, a expectativa foi a dobrar, pois para além do ALMA, que é anual, também houve Prémio Andersen que distinguiu, na categoria de ilustração, Roger Mello, natural do país convidado da feira, o Brasil. A lista não é pequena.

PRÉMIO HANS CHRISTIAN ANDERSEN
CATEGORIA ESCRITOR: Nahoko Uehashi

PRÉMIO ASAHI READING PROMOTION AWARD

The Children's Book Bank (Canadá)
PRAESA (África do Sul)

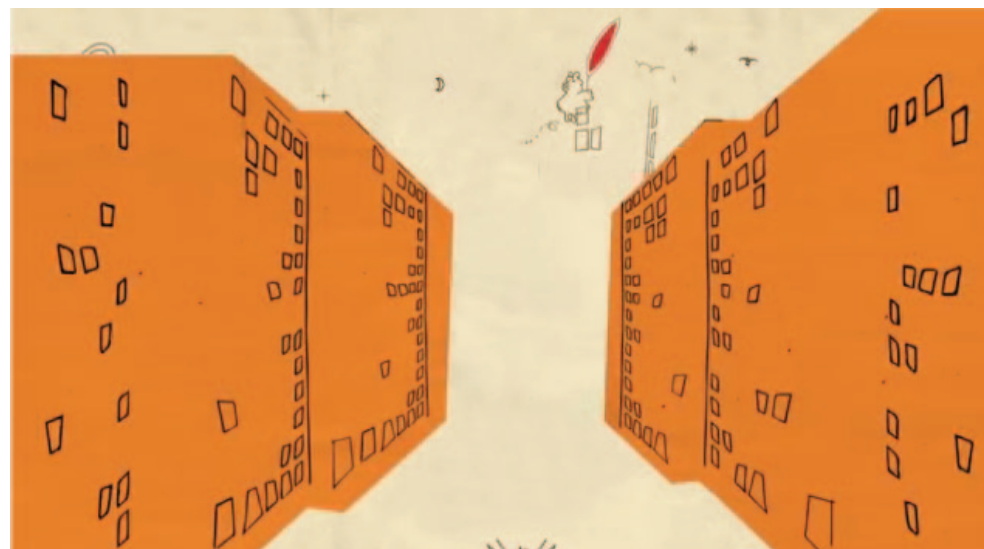
PRÉMIO ALMA
Barbro Lindgren

PRÉMIO INTERNACIONAL DE ILUSTRAÇÃO FUNDAÇÃO SM
Catarina Sobral

PRÉMIOS BOP
ÁFRICA: Golden Baobab
AMÉRICA DO NORTE: La Pastèque
AMÉRICA CENTRAL E DO SUL: Petra Ediciones
ÁSIA: Grimm Press Ltd.
EUROPA: Maurizio Corraini srl
Oceania: Walker Books Australia

CHILDREN IN MUSEUMS AWARD
Statens Museum for Kunst
(Copenhaga, Dinamarca)

BOLOGNARAGAZZI DIGITAL AWARD
FICÇÃO: Love, The App; Niño Studio, Argentina
NÃO FICÇÃO: *Peter and the Wolf*; Camera Lucida, France



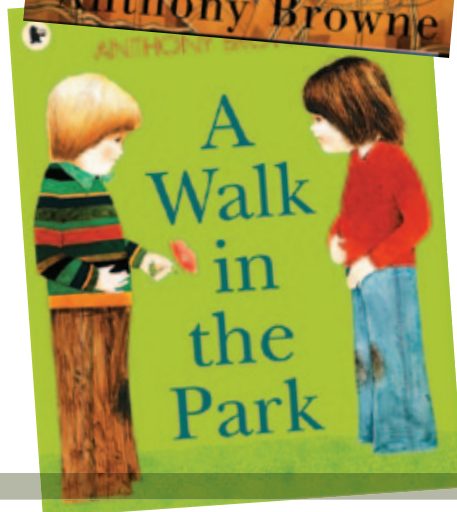
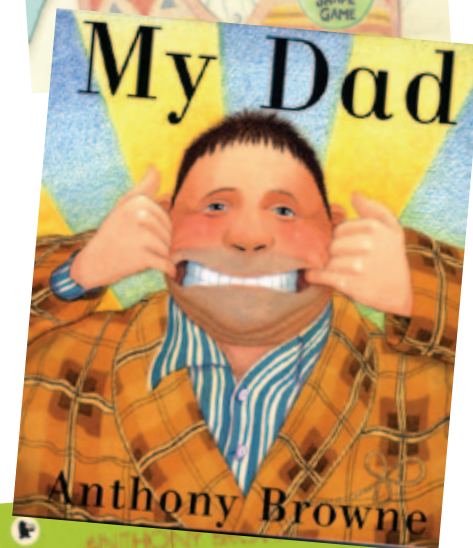
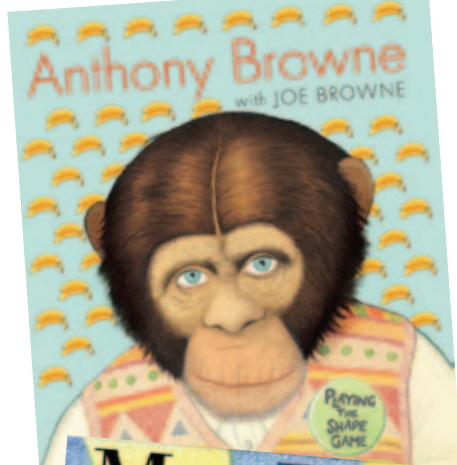
Love



Peter and the Wolf

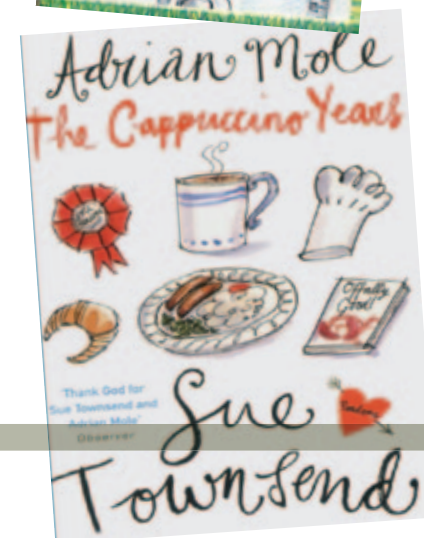
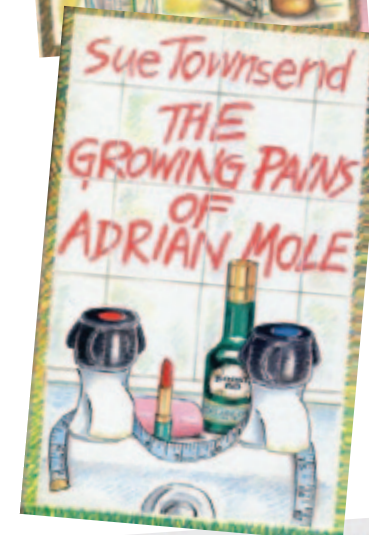
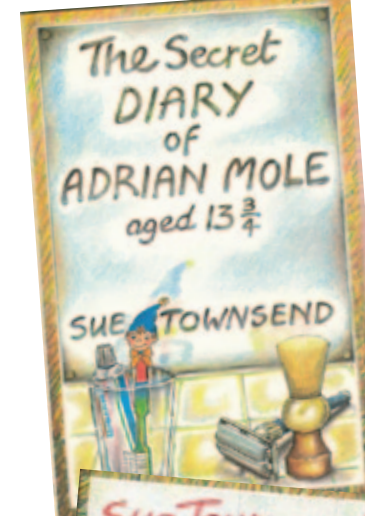
EMÍLIA O QUE VÊ ANTHONY BROWNE

Na revista *Emília*, Thaís Caramico conta como Anthony Browne seduziu uma plateia de miúdos e graúdos no Imagine Children's Festival, organizado pelo Southbank Centre anualmente. Quando se comemoram trinta anos desde a primeira edição de *Gorila*, o autor partilhou estratégias narrativas, visuais e textuais, falou das suas referências e ainda desafiou os mais novos a experimentarem um jogo de criatividade visual que consistia em acrescentar elementos a uma forma e descrevê-la. Para ler na *Emília*.



SUE TOWNSEND ADRIAN MOLE FOR EVER

É difícil acreditar que não existirão mais diários escritos pela figura hiperbólica, neurótica e melodramática de Adrian Mole. O desaparecimento de Sue Townsend no passado dia 10 de abril marca o fim desta vida literária que se cola ao nome da autora como uma segunda pele. *Adrian Mole* foi uma lufada de ar fresco nos idos de 80 do século XX, quando Margareth Thatcher mudava para sempre as bases da economia mundial e eclodiam novos temas como a ecologia. O humor britânico invadiu as estantes de muitos países e contribuiu para o crescimento mais saudável de muitos adolescentes. Adrian Mole é agora um homem maduro, permanentemente frustrado e incapaz de viver a sua própria realidade. Assim será para sempre.



Notas de Rodapé

BEJA

A BIBLIOTECA QUE CHEGA A TODO O LADO

A Biblioteca Andarilha de Beja mereceu destaque na comunicação social devido ao Prémio Raul Proença 2012, divulgado recentemente pela APBAD. «As bibliotecas itinerantes como veículo de aproximação às comunidades de meio rural. O caso da Biblioteca Andarilha de Beja», de Maria Morais, foi o estudo vencedor. É uma oportunidade para visitar o blogue da Biblioteca Andarilha e conhecer o trabalho de proximidade que a equipa da biblioteca tem vindo a realizar nas suas itinerâncias quotidianas. Há malas de recordações, narração oral, leituras de contos e até idosos que se riem como já nem se lembravam que era possível.



Dicionário de Literatura Infantil e Juvenil

Dalton

Os piores, os mais burros, estúpidos e idiotas bandidos do oeste são quatro, são irmãos e eu adoro-os.

Joe, William, Jack e Averell são personagens inspiradas em verdadeiros foras da lei que habitaram o Oeste Americano no final do século XIX. Da primeira à última página, espalharam o terror nos livros do Lucky Luke, o cowboy que dispara mais rápido do que a sua própria sombra e inimigo n.º 1 destes coiotes da pradaria. Depois de assaltarem bancos, *saloons*, velhotas e mercearias, são finalmente presos na última página de cada história e condenados a 3576 anos de trabalhos forçados. Na página 3 do próximo álbum, provavelmente a partir de 4 buracos escavados na parede, vão mais uma vez evadir-se da prisão e continuar a pintar a manta por aí.

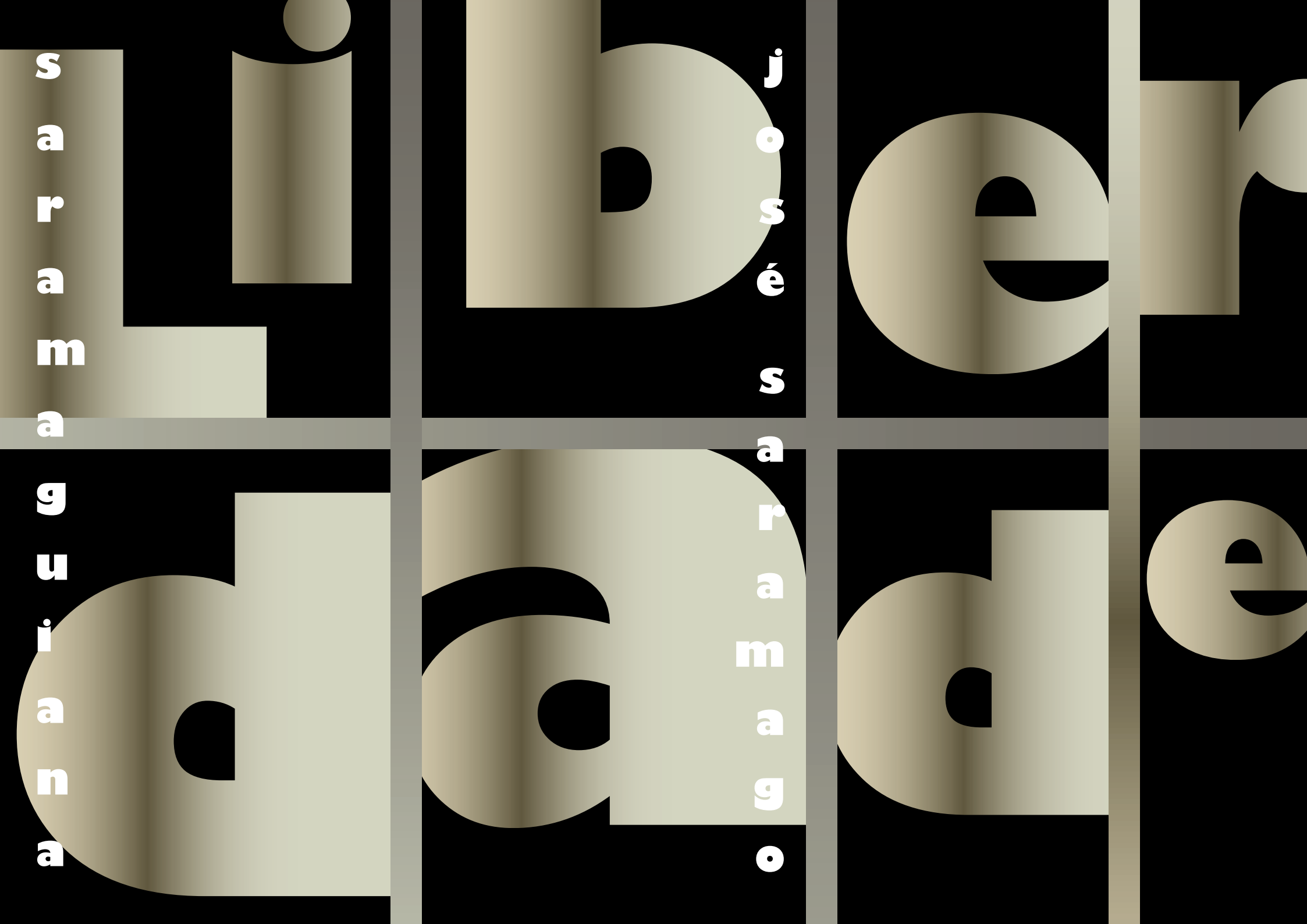
Bernardo Carvalho
ilustrador



Dentro

Do lado interior ouvir os primeiros sons e ver a primeira luz. Nascer dentro é necessário para desabrochar com vida, estar no centro, dentro de braços, afetos e alimento. Tudo roda à volta do sol, de cada sol, que está no meio de uma constelação, um universo. Quando se deixa de estar dentro, sai-se para outro espaço, fica-se a ver tudo de fora. Pode-se regressar para dentro deste olhar para criar.

Danuta Wojciechowska
ilustradora



S
a
r
a
m
a

g
u
i
a
n
a

j
o
s
é
s

a
r
a
m
a
g
o

O sabor da palavra liberdade
José Saramago

onvidaram-me para vir falar do «sabor da palavra Liberdade» e aqui estou, prometendo-vos que tentarei não fugir ao tema, o que bem poderia acontecer, tendo em conta que as conversas são como as cerejas, puxamos uma e vêm duas ou três, e a partir de certa altura começa a ser difícil não pensar na árvore que deu as cerejas, depois no cerejal, e enfim no pomar completo. Falarei de liberdade, que é o tema e a cereja deste 25 de abril de 1990, mas não evitarei as divagações que se me afigurarem úteis, certo de que acabaremos por reunir tudo no mesmo tronco e na mesma substância.

Vem muito a propósito esta intenção minha de não me limitar ao que porventura se espera de mim, isto é, às palavras de aplauso e louvor, às expansões entusiásticas com que justamente sempre festejamos o 25 de abril. É que antes de vir para aqui, participei na manifestação com que em Lisboa se comemorou a Revolução, descendo, como todos os anos, a Avenida da Liberdade, até ao Rossio. Nessa manifestação vi algumas pessoas que conhecemos, também elas pontuais presenças na festa da Liberdade: Vasco Lourenço, Marques Júnior, Martins Guerreiro, Otelo Saraiva de Carvalho, Vasco Gonçalves, Vítor Crespo, entre Outros.

Descíamos todos a Avenida e ouvíamos as palavras de ordem do costume: «O povo unido

jamais será vencido», o que, diga-se de passagem, causa uma certa melancolia, ou «25 de abril sempre», ou aquela outra, «Fascismo nunca mais», como se o fascismo estivesse ao pé da porta. Em certa altura, entrou-me uma tristeza muito funda ao olhar aqueles homens, cuja situação atual, precisamente, pode ser-nos de grande proveito para uma reflexão sobre a liberdade.

Esses homens foram os que no dia 25 de abril de 1974, pondo em risco a sua segurança e a sua vida, nos tiraram do lamaçal político e social em que nos encontrávamos. O que lhes aconteceu nestes dezasseis anos? Onde estão? Que fazem?

Em princípio, parece que, vivendo nós numa democracia, que se supõe ter obrigação de respeitar e homenagear os que a servem, e, neste caso, lhe deram a primeira força de vida possível e viável, esses homens deveriam ser objeto de uma gratidão particular, de um reconhecimento público sem equívocos. Ora, ao contrário, sucede que todos eles se encontram, não direi em situação de política de nulidade, uma vez que exercem os seus direitos políticos, mas, se a expressão é correta, de nulidade profissional. A maior parte deles passaram à reserva, alguns ficaram imobilizados na sua carreira, e estes factos, penso eu, deveriam levar-nos a uma reflexão talvez desagradável de escutar num dia como hoje. Estes homens que nos deram a liberdade não tiveram da instituição militar de que fazem parte o reconhecimento, o aplauso e o respeito que nós, cidadãos civis e paisanos, lhes tributamos.

Presos políticos, Peniche, 1934



Há aqui uma contradição gravíssima. É como se as instituições militares tivessem guardado, em relação a esses homens, o que eu chamaria, pura e simplesmente, um sentimento de rancor. Como se todo o processo de apagamento a que temos vindo a assistir fosse movido por uma vontade de retaliação. E isto acontece, e isto torna-se-me claro no preciso momento em que venho ao Barreiro para falar de liberdade. Caio portanto em mim e dou-me conta de que mais importante será, neste momento, falar dos limites impostos à liberdade do que duma liberdade apenas emocionalmente entendida.

Enfeitemos, se quisermos, a liberdade com flores e palavras bonitas, mas depois tenhamos a frieza de verificar que no nosso democrático país, com tão democráticas instituições, os homens que derrubaram a ditadura e o fascismo foram arbitrariamente despojados da capacidade de se valorizarem na sua profissão de militares, encontrando-se hoje, ou na reserva, ou em situações dentro da carreira que não correspondem nem à antiguidade nem aos méritos profissionais. E um deles, que esteve preso, pode vir a ter de regressar à prisão.

Que este dia seja, pois, de enaltecimento dos valores da liberdade, mas que seja também uma reflexão séria, grave e mesmo dolorosa, se preciso for, sobre as limitações exercidas, muitas vezes em seu nome, contra aqueles que no-la deram. Ajudar-nos-á, talvez, hoje e no futuro, a não tomar a realidade das coisas pela sua aparência, levando-nos a examinar o que realmente sejam, o que valem, e se merecem o nome que têm.

Nesta hora de tão radicais transformações nas estruturas políticas e económicas do mundo, julgo que vale a pena determo-nos no exame de certas questões que algumas vezes passam despercebidas no meio da confusão involuntária, ou provocada, das notícias.

A primeira tem que ver com a queda do muro de Berlim. Até aí a Europa tinha uma fisionomia determinada por uma divisão entre dois blocos políticos e dois conceitos de vida. Toda a gente dizia e jurava que uma tal situação não se podia prolongar, que era uma ofensa à liberdade e à plena vontade de escolha dos povos – e neste ponto estamos todos de acordo. Mas agora parece ter-se tornado claro que nem sempre havia sinceridade em tão democráticas reivindicações, quando assistimos aos abalos causados na estrutura da Europa comunitária pela reunificação da Alemanha, com o consequente deslocamento do centro político europeu no sentido Leste. Subitamente, alguns países da Europa, em particular a França, acordaram com uma ideia que nada tinha de objetivamente novo, mas que muito convinha a uma tentativa de reequilíbrio político: a Europa, disse-se, é também o Sul, é também os países periféricos, a Espanha, Portugal, a Grécia, precisamente o que até aí, de uma ou de outra, tinha sido mantido à margem.

Dir-se-á que ainda bem que tal aconteceu, ainda bem que a França acordou para a necessidade de ter da Europa uma visão ampla, uma visão completa. Mas não deve ser desprezada a

Ministro da Educação e Mocidade Portuguesa Fenminina, anos 30

Fundação Mário Soares



hipótese, mais do que provável, de ter sido a França levada a essa atitude por motivos sobretudo egoístas, ao ver a Alemanha tornar-se o fulcro de algum modo hegemónico numa Europa ainda à procura da sua fisionomia. Tudo parecia estável e definido quando a unificação da Alemanha veio pôr em causa as verdades adquiridas. E é então que começa o namoro aos países do Sul. A França teme que a Europa futura lhe reserve um lugar subalterno, pois sabe que quem neste momento manda na Europa é a Alemanha.

Todo o processo se encaminha agora para Leste. A Alemanha terá lá o seu Mercado Comum praticamente em exclusivo, isto é, toda a faixa dos países que abandonaram o socialismo. Tudo indica que será a Alemanha o grande reformador tecnológico da União Soviética. A Alemanha vai ser a grande potência europeia do século XXI, é nas mãos da Alemanha que o futuro da Europa está.

Pessoalmente, nunca tive ilusões sobre uma pretensa qualidade nossa de condições com os outros parceiros da Comunidade Económica Europeia. Agora muito menos. Ao ponto de ousar admitir que este sentimento pessoal de ceticismo ou desconfiança começa a ser partilhado por um número cada vez maior de pessoas no nosso País. Até os nossos governantes começam já a perguntar-se se os recursos que se esperava nos viessem da CEE não passarão a ser desviados para Leste. Aquilo que toda a gente dizia querer, verificamo-lo agora com alguma ironia, afinal não queriam todos, ou não o queriam da mesma maneira.



situação europeia é duma tão intrincada complexidade que não é possível prever, com os dados atuais, o que virá a ser o nosso continente dentro de dez anos. Mas se a situação europeia deve preocupar-nos, mais tem de nos preocupar o futuro do nosso país, cujos governos, desde o início do processo de integração, se têm mantido perigosamente calados acerca do destino que nos espera numa economia integrada, de livre circulação de pessoas, bens e capitais. Ora, essa situação, cujos contornos ainda não podemos definir sequer por aproximação, vem, também ela, a propósito nesta reflexão que vimos fazendo sobre a liberdade, não a liberdade individual de cada um de nós, protegida pelas leis, desde que plenamente funcionem. Porque a experiência, a nossa e a alheia, já mostrou que a democracia, sendo o melhor dos sistemas, se concilia demasiado facilmente com o paradoxo de nela, por ela e com ela se poder fazer, democraticamente, aquilo que de democrático nada tenha.

Ora, uma das questões que tem a ver com a nossa liberdade de povo está, precisamente, no processo de limitação de soberania que, por força da integração europeia, tem vindo, de modo progressivo, a decorrer.

Havia no Leste, na relação da União Soviética com os países então ditos socialistas, uma situação que, vista do lado de cá, se prestava às mais ácidas ironias: o conceito de soberania limitada. Quer dizer, tais países, mantendo uma soberania nacional legalmente intacta, viam-na no entanto limitada na prática por uma relação de efetivas e múltiplas subalternidades em relação

Angola, 1961



à União Soviética. Isto era grave, isto era censurável, isto permitiu à URSS, em várias ocasiões, intervir militar, política e economicamente nesses países.



oje sabemos-lo melhor. Antes sentíamos, por vezes, uma desconfiança vaga, mas não queríamos acreditar, pensávamos que ao menos para alguns casos haveria outra explicação, mas agora que o tempo e as circunstâncias puseram os factos a claro, de um modo tão doloroso para tantos de nós, é tempo de começarmos a olhar para o nosso mundo mais próximo, a nossa própria casa, Portugal, enfim.

Há poucas semanas, numa mesa-redonda da Televisão, a Eng.^a Maria de Lourdes Pintasilgo, que foi primeira-ministra de um governo português, apresentando-se como alguém possuidor de experiência e conhecimento do processo de integração económica europeia, e agora também política, introduziu no debate um outro conceito, extremamente curioso, e que é, no fundo, e sem diferença, aquilo que antes se censurava à União Soviética no tratamento que dava aos países socialistas: a soberania limitada. Dizia a Eng.^a Pintasilgo que a nossa relação com a Comunidade Europeia era a de uma soberania delegada. Delegada, digo eu, no Parlamento Europeu, no Comité de Primeiros-Ministros e restantes instâncias das Comunidades.

Se aqui há trinta ou quarenta anos alguém em Portugal se atrevesse a dizer semelhante coisa, não lhe faltariam acusações de indignidade, de falta de patriotismo e mesmo de traição. Qual-

quer proposta ou mera sugestão duma maior aproximação qualitativa com a Espanha desencadeava imediatamente todos os furores dos guardiões da integridade física e espiritual da nação: a Espanha vai engolir-nos, valha-nos Santa Aljubarrota.



ra, o processo de absorção e de engolimento, se me permitem a palavra, está em curso. A soberania nacional já se encontra reduzida e reduzir-se-á ainda mais. A autoridade que, como povo, temos ou deveríamos ter sobre aqueles que nos representam, sejam eles a Presidência da República, o Governo, e todas as outras instituições que têm a obrigação e a responsabilidade de velar pela soberania nacional, no respeito da nossa identidade cultural e histórica – essa autoridade, que aliás nunca soube-

mos exercer em pleno, passou a ter pouquíssima importância.

Basta ver que não é possível, não é rigorosamente possível, definir no nosso país um projeto nacional próprio, coerente, de acordo com as necessidades efetivas do povo português, tendo como objetivo a potenciação, a intensificação, a multiplicação das nossas capacidades e das nossas forças criativas. As ordens, por muito desagradável que seja aceitá-lo, passaram a vir todas de fora. É todo um projeto próprio de organização da nossa vida económica, social e cultural que nos está escapando das mãos.

E o que é particularmente elucidativo é que todas estas decisões foram tomadas sem prévia consulta à vontade da população. Esta geração de portugueses, falo dos que detêm um po-



der decisório, terá, mais tarde ou mais cedo, de ser confrontada com as suas responsabilidades neste abandono do que somos e do que fizemos ao arbítrio de interesses que em muitos casos contrariam os nossos próprios. Não reparam, cegos como estão pela ideia fixa duma Europa tecnocraticamente concebida, que o que fez a riqueza humanística deste continente não foi uma qualquer uniformização, mas a diversidade e a variedade.

Não esqueço que essa pluralidade, com o seu cortejo de contradições e conflitos, fez da Europa um continente em quase permanentes guerras, e que essas guerras, mesmo as que se apresentaram sob bandeira e justificação religiosas, não tinham outra razão de ser que não fosse a disputa da hegemonia sobre a Europa. Mas tínhamos talvez o direito de esperar, tendo em conta os inenarráveis sofrimentos a que foram sujeitas, durante séculos, as populações deste continente, que uma era de paz fosse também a era em que os povos, no pleno gozo da sua identidade e em diálogo fecundo uns com os outros, pudessem tomar o caminho da sua realização plena enquanto tais, até que a própria lógica do processo histórico levasse à definição e assunção de níveis de integração efetivamente adequados. Em vez disto, a que é que estamos assistindo? À administração em comum de um continente segundo as regras do mais óbvio capitalismo: quem mais tem, mais pode, quem mais pode, mais manda. Parece ter-se ganho a paz: resta ainda saber à custa de quê.

E agora permiti que peça a vossa atenção para o seguinte. O fracasso do sistema socialista, que em muitos dos seus aspetos não seria intelectualmente honesto negar, deve-se, talvez, à elementar evidência de que não poderá haver socialismo sem uma mentalidade socialista. Imaginar que é possível construir um sistema que exige renúncias dos cidadãos, todos e cada um, que implica necessariamente o reconhecimento dos interesses permanentes da coletividade sobre os interesses imediatos do indivíduo, e, por outro lado, pensar que bastaria melhorar as condições materiais da vida, proporcionar ensino gratuito a toda a gente, resolver a questão da habitação, da saúde e do ambiente, para que, por uma espécie de processo mecânico, ou, se se preferir, de sublimação, indivíduo e sociedade tivessem criado em si mesmos a mentalidade socialista – foi um erro de trágicas consequências. Estamos hoje numa situação em que é preciso aprender tudo outra vez e recomeçar. Não sei quando, nem sei como, nem sei onde.

Interessante é, porém, notar que tudo, ou quase tudo, que do lado de cá era visto, no lado de lá, como limitação das liberdades, dos direitos humanos, das soberanias nacionais, está a ser mais ou menos aplicado no quadro concreto das Comunidades Europeias. Para dar um só exemplo, a planificação, que no Leste era um pecado mortal, reveste-se, na Europa comunitária, das roupagens angelicais da virtude: que é, senão planificar, a racionalização comunitária da produção, da distribuição e do consumo?

Fátima, 1967



E será preciso lembrar que em tudo quanto tenho vindo a dizer não me afastei do tema primeiro, o da liberdade? Um exemplo para confirmá-lo: será possível que numa Europa economicamente integrada e politicamente homogénea, um povo, este ou qualquer outro, possa escolher o seu sistema económico ou o seu regime político? Dou a resposta: Não, esse direito, ainda que se mantenha consignado nas constituições respetivas, perdeu já, no nosso tempo, eficácia prática. A diminuição da capacidade de opção e eleição é confirmada e acentuada pela própria lógica de ferro da organização comunitária, que irá impor governos de cor igual para economias de teor igual. Se é assim, e eu não vejo como se possa negá-lo, é justamente numa época em que tanto se fala dos direitos humanos, que, no campo concreto da Europa, se estão introduzindo limites à liberdade.

Deveríamos ganhar consciência de que somos um momento crucial da história portuguesa, de que não podemos fugir à responsabilidade de procurar compreender e influenciar o que hoje se passa, por assim dizer, à nossa revelia. Deveríamos deixar a atitude egoísta, hoje comum, de valorizar, por cima de tudo, aqueles interesses que possam servir a nossa vida pessoal, e que acabará por levar-nos à indiferença como forma de opção política. Não tarda muito que digamos: «A minha política é o dinheiro que eu ganho.»

Estamos, penso eu, a delegar demasiado, estamos a entregar nas mãos daqueles que elegemos demasiadas coisas, estamos a usar de pouca ou nenhuma exigência na avaliação dos seus atos, como se, no fundo, apenas aspirássemos a ter alguém que nos governe e nos deixe ganhar a vida

o melhor possível. Contentamo-nos com pôr um voto nas urnas de quatro em quatro anos ou de cinco em cinco anos, como o único e pouco trabalhoso dever cívico que estamos dispostos a reconhecer. Ao cumpri-lo, vemo-nos como cidadãos inteiros, e não reparamos que nem tudo o que parece é: muitas vezes, as coisas que mais parecem ser são as que menos o são. A atenção, a crítica, a cidadania devem ser constantemente exercidas, sem dependência de atos eleitorais. Vivemos quase cinquenta anos de eleições sujas, e lutámos contra essa vergonha. Agora as eleições em Portugal são limpas e assim irão continuar, mas não caímos nessa outra e igualmente perigosa forma de abstenção que é levar o voto à urna e cuidar que com isso fizemos tudo quanto nos cumpria. Porque é com o exercício total da cidadania pessoal e coletiva que se garante, na sua máxima expressão, a liberdade.

Se, para voltar ao tema dos militares do 25 de abril, tivéssemos exercido plenamente, no momento exato, essa cidadania que é a definição mais completa do ser social que somos, se tivéssemos exigido que fosse respeitada a dignidade profissional e política dos homens do MFA que arriscaram, torno a dizê-lo, a sua segurança e a sua vida para nos libertarem da opressão – não assistiríamos, hoje, ao espetáculo deprimente de ver desfilar esses homens de honra como meros tolerados, objetos duma permanente desconfiança por parte dos poderes instalados, os civis e os castrenses. Deveríamos ter acordado para protestar, e não o fizemos, não o fizemos a tempo, e o que não se faz a tempo é como se nem tivesse

sido tentado. Não interviemos nesses caso como não interviemos noutros. A não intervenção cívica é talvez o maior erro da sociedade portuguesa nos nossos dias.

Ter-vos-ei surpreendido trazendo aqui palavras que não foram as do costume, alguém perguntará, mesmo, como é possível vir dizê-las quando este dia devia ser de festa, nada mais que festa, mas eu penso que o meu dever para convosco, para comigo também, só podia ser o de trazer à reflexão de quem me ouvisse o que penso ser verdade. E dizer a verdade é uma expressão do exercício da minha própria liberdade. Exerci a liberdade de ter uma opinião e comunicá-la, mesmo sendo para vos trazer algumas questões dolorosas, algumas dúvidas, muitas preocupações. A verdade, se eu pude ser portador dela, nem sempre é cómoda. Mas o pensamento reto é dessa água que bebe.

O sabor da palavra Liberdade foi publicado originalmente pela Câmara Municipal do Barreiro
numa brochura com o mesmo título, no ano de 1990

Qué buenas estrellas estarán cubriendo los cielos de Lanzarote?

José Saramago, *Cuadernos de Lanzarote*

A Casa José Saramago

Abierto de lunes a sábado de 10,00 a 14,00 h.

Última visita a las 13,30 h.

(Open from monday to saturday, from 10 to 14 h.

Last entrance at 13.30 h.)

Tías-Lanzarote – Islas Canarias (Canary Islands)

www.acasajosesaramago.com



ABRIL

**24
ABR**

MAIS ABRIL, 40 ANOS

Espectáculo com a participação de vários músicos portugueses que celebrará os 40 anos da Revolução dos Cravos, integrado nas comemorações do 25 de Abril. Terreiro do Paço, Lisboa.



**23 A 27
ABR**

A ROSALÍA DE FEDERICO

Espectáculo musical e teatral de Amancio Prada a partir dos Seis Poemas Galegos, de García Lorca, admirador de Rosalía de Castro. Madrid, Círculo de Bellas Artes.



**29 ABR
A 12 MAI**

FILBO FERIA INTERNACIO- NAL DEL LIBRO DE BOGOTÁ

27.^a edição de uma das maiores feiras do livro da América Latina, este ano com o Perú como país convidado. Bogotá, Corferias.



**ATÉ 30
ABR**

LER EM TODO O LADO

Uma iniciativa das Bibliotecas Municipais de Lisboa que leva os livros e a leitura a espaços habituais e a outros menos previsíveis, com conversas, ateliers e sessões de leitura. Vários locais, Lisboa.



**ATÉ 14
MAI**

LANZAROTE, LA VENTANA DE SARAMAGO

Exposição de fotografia de João Francisco Vilhena sobre a relação de José Saramago com a ilha de Lanzarote, com imagens captadas em 1998, depois da atribuição do Nobel, e em 2013. Arrecife/Lanzarote, Sala de Exposições Charco de San Ginés.



**ATÉ 18
MAI****EXPRESSÃO
MACAU BIENAL
ANIMAMIX
2013-2014**

Mostra colectiva que reúne 23 artistas de Macau em suportes que vão da pintura à instalação, passando pela fotografia, animação em 2D e 3D, pintura digital, escultura e grafitti. Macau, Museu de Arte de Macau.

**ATÉ 18
MAI****8 1/2 FESTA
DO CINEMA
ITALIANO**

Pelo sétimo ano consecutivo, a Festa do Cinema Italiano espalha-se por várias salas do país. Lisboa, Coimbra, Porto, Funchal e Loulé.

**ATÉ 18
MAI****CHINAARTE
BRASIL**

Exposição com mais de uma centena de trabalhos de artistas chineses contemporâneos escolhidos por Tereza Arruda e Ma Lin. São Paulo, Oca.

**ATÉ 25
MAI****A INUSITA-
DA COLEÇÃO
DE SYLVIO
PERLSTEIN**

Exposição que reúne 150 obras do colecionador Sylvio Perlstein, mostrando obras de Dalí, Kandinsky, Magritte, Warhol, Man Ray, Basquiat, Duchamp, Miró ou Keith Haring, entre outros. Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna.

**ATÉ 9
AGO****LA BIBLIOTECA
Y EL SABER.
ARCHIVOS,
MUTACIONES,
CONFIGURA-
CIONES**

Exposição que questiona os conceitos de biblioteca e arquivo, explorando funções e utilizações destes espaços. Donostia, Koldo Mitxelena.



Diretor

Sérgio Machado Letria

Edição e redação

Andreia Brítes

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

Design e paginação

Jorge Silva/silvadesigners

FUNDAÇÃO

JOSÉ SARAMAGO

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

<http://www.josesaramago.org>

N.º registo na ERC 126 238

Os textos assinados
são da responsabilidade
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação
podem ser reproduzidos
ao abrigo da Licença
Creative Commons

